

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSO
PSICANÁLISE E LINGUAGEM: UMA OUTRA PSICOPATOLOGIA

**O DECLÍNIO SOCIAL DA IMAGO PATERNA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA
LEGITIMIDADE DA AUTORIDADE**

PRISCILA FIRMINO GONÇALVES

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Dias

SÃO PAULO

JUNHO – 2013

PRISCILA FIRMINO GONÇALVES

**O DECLÍNIO SOCIAL DA IMAGO PATERNA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA
LEGITIMIDADE DA AUTORIDADE**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para o certificado de Especialização em “Psicanálise e linguagem: uma outra psicopatologia”.

Nome do membro da Banca

Nome do membro da Banca

Nome do Orientador
(Orientador)

SÃO PAULO

JUNHO – 2013

Aos meus pais, por terem me dado um pedacinho do chão, quando era de terra firme que eu precisava; ou um pedacinho do céu, quando sonhos eram o que me fazia falta.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Sandra Dias, pela escuta atenciosa, pela leitura precisa das minhas elaborações durante todo o desenvolvimento do trabalho e pelo auxílio teórico primoroso.

Agradeço aos meus supervisores, que também auxiliaram, mesmo que indiretamente e sem saber, a fortalecer e delinear os alicerces de minhas reflexões.

Agradeço aos meus pacientes por trazerem suas questões, o que possibilitou acréscimos significativos a respeito da reflexão que aqui apresento.

Agradeço aos meus colegas de pós-graduação, com os quais compartilhei minha vontade em escrever sobre o assunto e fiz reflexões significativas que levaram a produzi-lo.

Agradeço ao meu noivo, meu maior incentivador. Obrigada pelas inúmeras e longas conversas que tivemos sobre a temática que aqui apresento, por sua escuta atenciosa, que permitiu frutificar novas ideias e pontos de vista. Suas contribuições foram essenciais para que eu concretizasse este trabalho.

“A liberdade, Sancho, é um dos dons mais preciosos, que aos homens deram os céus: não se lhe podem igualar os tesouros que há na terra, nem os que o mar encobre; pela liberdade, da mesma forma que pela honra, se deve arriscar a vida, e, pelo contrário, o cativo é o maior mal que pode acudir aos homens. Digo isto, Sancho, porque bem viste os regalos e a abundância que tivemos neste castelo, que deixamos: pois no meio daqueles banquetes saborosos, e daquelas bebidas nevadas, parecia-me que estava metido entre as estreitezas da fome; porque os não gozava com a liberdade com que os gozaria, se fossem meus: que as obrigações das recompensas, dos benefícios e mercês recebidas, são ligaduras que não deixam campear o ânimo livre. Venturoso aquele a quem o céu deu um pedaço de pão, sem o obrigar a agradecê-lo a outrem que não seja o mesmo céu!”

RESUMO

GONÇALVES, Priscila F., Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Junho 2013. **O DECLÍNIO SOCIAL DA IMAGO PATERNA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA LEGITIMIDADE DA AUTORIDADE.** Orientador: Profa. Dra. Sandra Dias.

Esta monografia tem por objetivo realizar uma reflexão sobre o declínio da legitimidade das figuras de autoridade nos dias de hoje e a importância destas na constituição dos sujeitos como representantes da alteridade. Utilizando como alicerce teórico a psicanálise, parto de um de seus elementos norteadores, a figura paterna, para analisar o lugar que este ocupou na teoria fundada por Freud e os desdobramentos que ocorreram nesta temática na leitura lacaniana. A partir disso, reflito como fora visto o declínio desta figura por ambos os autores e em como poderíamos pensar a falta de legitimidade de figuras de autoridade nos dias de hoje. Discorro a respeito das consequências do fim da estrutura familiar clássica e seus impactos na questão da autoridade, interrogando sobre quem seria aquele que opera a função paterna a fim de barrar o gozo pleno. Em minhas considerações finais aponto para o aprofundamento quanto à compreensão dos vínculos fraternos vislumbrando esta como uma das possibilidades para a autoridade e para o exercício da subjetivação.

Palavras-chave: Pai, Autoridade, Declínio.

ABSTRACT

This monograph aims to develop a reflection on the decline of the legitimacy of authority figures nowadays and their importance in the constitution of subjects as representatives of otherness. Using psychoanalysis as theoretical foundation, I start by one of its guiding elements, the father figure, to analyze the place that it occupied in the theory founded by Freud and the developments that have occurred in this subject in Lacanian reading. From this reflection, I consider the announced decline of this figure by both authors and how we can think the lack of legitimacy of authority figures today. I discuss about the consequences of the end of the traditional family structure and its impact on the question of authority, questioning about who would be the one who operates the paternal function in order to stop the full enjoyment. In my final aim, I deepen in the understanding about the fraternal bonds envisioning this as one of the possibilities for the authority and the exercise of subjectivity.

Keywords: Father, Authority, Decline.

Sumário

INTRODUÇÃO	08
I - O SABER MÉDICO, OS MESTRES E O PAI NA NEUROSE FREUDIANA	15
O saber médico e os Mestres	15
O pai do traumatismo neurótico	18
O desejo inconsciente e a elaboração da teoria sobre o pai.....	34
Os sonhos e a revelação do desejo edipiano	34
O pai no Édipo	39
O pai totêmico	41
Casos clínicos e leituras psicanalíticas de Freud que sustentam o pai em sua função simbólica.....	43
Novas formulações do Édipo a partir do pai totêmico	50
Freud: um pai morto; um pai simbólico	60
II – PAI EM LACAN	64
Os mestres de Lacan: alicerces para sua teoria	64
Visão sobre a constituição dos sujeitos e o declínio da imago paterna	69
Autorização para ser pai: abertura para a nomeação	73
O estabelecimento de um novo mito e as costuras simbólicas de um pai autorizado	78
Complexo de Édipo revisitado: da função do pai ao Nome-do-Pai	84
O esquema L ou sobre a “estática do sujeito”	87
O esquema R e o Nome-do-Pai	89
Do pai simbólico para o real e o gozo	97
III – AS TENTATIVAS DE SALVAR O PAI DE SEU DECLÍNIO: FUNDAMENTAÇÕES FREUDIANAS E LACANIANAS	104
Pai da horda freudiana: resgate da importância do pai através da função simbólica e a fratria revelada	104
O “complexo” pai lacaniano	107
Consequências do fim da estrutura familiar clássica	112
IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
Diferenças nas semelhanças: a autoridade através dos laços fraternos	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123

INTRODUÇÃO

Creditamos ao papel da família o fornecimento dos alicerces que preparam os sujeitos para o futuro e o oferecimento das bases de acesso à cultura da qual farão parte. Organizada em torno do modelo patriarcal, a família tradicional clássica tinha em sua composição os lugares de autoridade pré-estabelecidos através de suas relações de parentesco, filiação e formas de descendência. Desde o fim do século XVIII e início do XIX, verificamos a crescente desarticulação da instituição familiar e sua organização cada vez mais desconectada da sua função de articuladora social. Encontramos no lema da Revolução Francesa, que prezava pela liberdade, igualdade e fraternidade, as sementes para o declínio dos modelos verticais de autoridade.

Na pós-modernidade, com a legitimidade da autoridade verticalizada em crise, assistimos a evaporação dos lugares que outrora demarcavam os limites e as obrigações para cada sujeito. Fechando-se em si mesma e buscando roupagens igualitárias que trariam maior liberdade, o posto hierárquico reservado ao casal parental que, antigamente, servia como referencial na transmissão de valores vem desaparecendo e perdendo seu lugar de destaque. Segundo Dufour (2009), há articulação entre as economias humanas, estejam elas relacionadas ao mercado, à política, ao psíquico ou ao simbólico. Ele nomeia como transdução o fenômeno de propagação da transformação estrutural que ocorre de certo campo econômico para outro. Dessa forma, ele afirma que uma mudança em uma destas economias afeta as demais progressivamente. Assim, as modificações econômicas e sociais interferem na economia psíquica dos sujeitos e fazem com que, diante das novas

configurações que se apresentam, criem-se maneiras de lidar simbolicamente com as contingências.

Sob determinada configuração social, cultural e econômica, a neurose era compreendida por Freud como parâmetro de saída do complexo edípico, que revelava uma organização psíquica bem estruturada. Tinha o recalque como o representante da proibição da satisfação plena. Para ele, o desejo radical e total não existe e a interdição neste ponto viria manter o sujeito investindo no mundo, pois ele se estrutura a partir de uma falta primordial.

Na chamada nova economia psíquica, apresentada por Melman (2008), Lebrun (2004), Dufour (2005), verificamos que há uma equalização entre desejo e vontade de gozar plenamente. O desejo atrelado ao impossível, ao interdito, não se encontra mais da mesma forma que se via no contexto freudiano. Tudo se coloca como se não pudesse haver impossibilidade. Nada pode se interpor ao gozo sem limites.

As psicopatologias mais marcantes na atualidade, tais como as toxicomanias, bulimia, anorexia, delinquências, entre tantas outras, demonstram exatamente este imperativo. Verificamos, inclusive em nossa prática clínica, que os sujeitos advindos da economia neoliberal estão envoltos em uma fantasia de que não é necessário se submeter às limitações que o viver em comunidade apresenta a todos, pois estão amparados no ideal de gozar a qualquer preço. Sem este ponto de apoio externo que marcaria uma diferença, vemos cada vez mais os sujeitos no contemporâneo desamparados, realizando *actings*, passagens ao ato, tornando-se adictos, voltados muito mais ao campo da necessidade do que ao da ordem do desejo.

A promessa de felicidade que a pós-modernidade oferece surge concomitantemente com a perda de legitimidade da lei e daquilo que fundamenta o limite. Sobre este assunto, Fleig (2009) afirma que:

A promessa de felicidade da pós-modernidade acena com o gozo imediato e sem falhas, seguindo os ditames da lógica infernal imposta pelo imperativo de gozar a qualquer preço e sem limite. Este imperativo, ordenador de uma nova economia psíquica em consonância com a lógica da economia neoliberal, se coaduna com a grande confusão entre a crítica moderna ao modelo patriarcal e a destruição do lugar de autoridade. Em outras palavras, a crítica e destruição do modelo que legitimava a autoridade patriarcal, que se impunha de modo vertical, e sua substituição pelo modelo horizontal, avesso a qualquer dessimetria de lugares e poderes, resultou em uma confusão entre a autoridade patriarcal, ancorada na equiparação entre o lugar de autoridade e seu ocupante, e a autoridade resultante do próprio exercício da fala e da linguagem.

Porém, segundo Fleig (2009), não podemos confundir a crítica ao modelo patriarcal com o aniquilamento do lugar de autoridade.

A confusão entre a transcendência patriarcal e a transcendência que se impõe a partir das leis da linguagem se configura em uma confusão entre democratismo e democracia. A crítica ao modelo patriarcal, benefício maior do modelo crítico introduzido pela Modernidade, não pode coincidir com a destruição do lugar de autoridade.

A autoridade não deixa de existir na nova economia libidinal. Passamos a encontrá-la em outro lugar. Como efeito das transformações no campo social, econômico e subjetivo, instaura-se a autoridade vinculada ao objeto, que tem como propriedade a não finitude, a destituição da limitação.

Hoje, diante dessas situações, somos convocados a pensar quais seriam as soluções plausíveis para que o impossível não seja recusado, a diferença de lugares e a prevalência da exceção possam ser mantidas sem tentarmos restabelecer o lugar de autoridade conforme os tempos anteriores ao da Revolução Francesa.

A psicanálise, nascida em um contexto no qual a autoridade pautada nas figuras paternas estava em declínio, fundou-se tentando responder a estas questões para entender como a constituição dos sujeitos e suas psicopatologias poderiam ser afetadas pela falta de legitimidade do lugar do pai. Perguntas sobre qual seria o papel desta figura e como ele contribuía para o bom ou mau funcionamento psíquico nortearam os estudos psicanalíticos e avançaram para além do que o pai da psicanálise propôs.

Tendo isto em vista, proponho-me nesta monografia analisar em profundidade o lugar que o pai ocupou na teoria fundada por Freud e os desdobramentos que ocorreram desta temática na leitura lacaniana. A partir disso, abrimos campo para pensarmos como fora visto o declínio desta figura por ambos os autores e em como poderíamos pensar a falta de legitimidade de figuras de autoridade nos dias de hoje.

Optei por dividir o trabalho em três partes. Na primeira delas, veremos a questão do Pai em Freud pelo viés da neurose. Nos primeiros dois capítulos destinados a este tema, apresento um percurso profundo de seus primeiros

escritos, rascunhos e cartas trocadas entre ele e Willhem Fliess, que demonstram a elaboração de seu pensamento a respeito das neuroses e dos fenômenos histéricos. Pontuo estes conteúdos levando em consideração um alicerce importante: a influência da identificação com seus mestres na estruturação do pensamento psicanalítico. Os avanços teóricos colaborados a partir das identificações de seu criador com essas pessoas permitiram mudanças de perspectiva quanto à importância da figura paterna e à constituição dos sujeitos.

Após a apresentação da passagem do pai do trauma ao pai edípiano, elucidado quanto aos quatro momentos da ocorrência da questão edípica na obra freudiana, a saber: o Édipo relacionado à teoria dos sonhos; o pai como um representante totêmico; a identificação e a morte do pai possibilitando o nascimento do sujeito; e, a ideia de castração ligada à verdade estruturante, tendo o outro como norteador para as demais relações do sujeito.

Na quarta seção desta primeira parte, apresento os casos clínicos e as leituras que Freud fez que tinham como base a certificação do pai em sua função simbólica e como a figura paterna ampara uma fantasia. Logo em seguida, apresento novas formulações do pai edípico que foram possíveis a partir da figura do pai totêmico, o que fez com que pudéssemos tomar o pai morto como simbólico.

Na segunda parte do trabalho, apresento em seis capítulos o pai em Lacan e os avanços que foram possíveis em sua teoria por não tomar o saber freudiano como fechado e acabado. No primeiro deles, apresento também os mestres que ofereceram os alicerces para sua teoria. Logo após, demonstro sua visão a respeito da constituição psíquica dos sujeitos em sua primeira grande obra, Os

Complexos Familiares na Formação do Indivíduo, de 1938, que traz, além disso, sua visão inicial acerca do declínio da imago paterna.

No terceiro capítulo, aponto como aspectos pessoais, principalmente, sua posição enquanto pai, foram marcantes para que houvesse uma nova teorização acerca da psicanálise, mesmo continuando a manter Freud como seu principal interlocutor teórico. No quarto capítulo, apresento o ano de 1953. Nele, temos as reviravoltas a partir da influência que recebeu de Lévi-Strauss, com a publicação de *Estruturas Elementares de Parentesco*, de 1949, e o surgimento de um Lacan estruturalista. Em tendo estabelecido este sistema estrutural, apresento a concepção de sua primeira tópica, composta por três registros: simbólico, imaginário e o real e as primeiras formulações sobre o Nome-do-Pai.

No quinto capítulo, revisito o complexo de Édipo em Lacan, demonstrando o percurso que ele fez tomando o posto do pai como simbólico, que estaria dentro de uma ordem como metáfora, o que faz com que ele estabelecesse o *Nome-do-Pai*. No último capítulo dedicado ao pai em Lacan, demonstro as mudanças na concepção deste conceito, que se desloca de entender o pai como simbólico a uma posição diferenciada, múltipla - mudança que só pode ser sustentada a partir da criação de dois novos termos: objeto *a* e gozo. Isto permite com que se saía de uma posição universal e única da figura paterna e haja a possibilidade de haver diversos *Nomes-do-Pai*.

Na terceira parte deste trabalho, apresento as principais tentativas de Lacan e Freud para salvar o pai de seu declínio. No primeiro capítulo, revisito o pai de Totem e Tabu enfatizando a importância simbólica que Freud deu à figura do

pai, estabelecendo diferenças fundamentais entre as gerações, revelando a igualdade da fratria. No segundo capítulo, apresento a complexidade que a figura paterna tomou nas formulações de Lacan, o que possibilitou enxergarmos que esta figura poderia assumir diversos modos de ser, os quais tinham sua autoridade vinculada ao discurso maternal e ao lugar que este homem vem a ocupar na vida da mulher. Encerro esta parte da monografia discorrendo a respeito das consequências do fim da estrutura familiar clássica e seus impactos na questão da autoridade. Ao discutir sobre o que seria realizar o pai nos dias de hoje, interrogo sobre quem seria aquele que opera a função paterna e que corresponde a uma figura de autoridade, que barra o gozo pleno da mãe.

Em minhas considerações finais aponto para o aprofundamento quanto à compreensão dos vínculos fraternos vislumbrando esta como uma das possibilidades para a autoridade e para o exercício da subjetivação.

I - O saber médico, os mestres e o pai na neurose freudiana

1. O saber médico e os Mestres

O lugar do pai na teoria freudiana tem espaço privilegiado e é o que articula toda a reflexão da psicanálise. Os enigmas sobre o que seria um pai e o que quer a mulher fazem parte das questões não respondidas e que se encontram no cerne da experiência analítica de Freud, como bem apontou Lacan no Seminário A Relação de Objeto.

A resposta a estes enigmas ficou inacessível para o pai da psicanálise até o fim de sua vida e, por conta disso, podemos dizer que sua obra é toda marcada por tentativas de respostas, principalmente ao que responderia sobre a função paterna, por sua importância na constituição do sujeito. Apesar disso, é incorreto dizer que a questão da psicanálise seria somente esta. Caso tomemos este viés, ignoraríamos um ponto muito importante, que diz respeito à introdução do conceito de castração como uma operação que ocorre no complexo edípico e sem a qual não é possível pensarmos a subjetividade.

Através do processo de análise, iniciado aproximadamente um ano após a morte de seu pai, Jakob Freud, em outubro de 1896, e do qual tomamos ciência a partir de alguns trechos que foram relatados na correspondência trocada com Willhem Fliess, descobrimos o quanto no destino do fundador da psicanálise há influência das figuras parentais e na própria formação e criação de seu edifício teórico. Podemos ver que o esclarecimento de suas vivências através deste processo de investigação profundo, que envolvia a análise de seus sonhos e de lembranças infantis, foi determinante para que houvesse

avanços e aprofundamentos significativos em suas teorias a respeito das neuroses e do sofrimento psíquico.

A respeito do pai de Freud sabemos que, segundo Jones (1989), Jakob era comerciante de lã. A produção e venda deste produto passava por um período de crise, sofrendo as consequências da inflação elevada ocorrida após 1851. Não fora somente isto. Houve também a queda do trabalho manual a partir da introdução de máquinas; o declínio econômico por conta da guerra austro-italiana, em 1859; além do antissemitismo latente que vinha crescendo principalmente frente às comunidades judaicas de educação alemã. Em busca de melhores oportunidades de negócios e, conseqüentemente, maiores condições de sustento para os seus, o patriarca mudou-se com sua família - Sigmund inclusive - primeiramente para Leipzig e, depois, para Viena, onde se estabeleceram.

Quando citado nas biografias, vemos que Freud tinha grande apego por este pai. Como outros meninos durante o período da infância, ele o tinha como um herói e o tomava como poderoso, rico e sábio. Sigmund se enxergou por muito tempo como uma réplica de seu pai, tanto nos aspectos físicos como mentais. Tal identificação teve papel significativo nas vinculações com os profissionais com quem veio a trabalhar e elaborar seus artigos a respeito da teoria das neuroses. Charcot, Breuer e Fliess carregavam traços que os identificavam com esta figura paterna e, conseqüentemente, foram pessoas com as quais Freud se vinculou com grande afinco e admiração.

É importante constatar que os pontos de encontro e desencontro estabelecidos na relação entre Freud e estes três médicos delineou as linhas de pensamento desenvolvidas que culminaram na criação da psicanálise. Só

chegamos ao que temos hoje no campo psicanalítico graças ao fato de que as justificativas de todos eles, Freud inclusive, não deram conta completamente da compreensão acerca do psíquico, da etiologia das neuroses e de suas formas de tratamento.

Assim como podemos pensar isto para refletir a respeito de toda e qualquer produção humana, vemos que a psicanálise também nasceu como uma resposta a partir de uma crise psicológica que aponta que nestes representantes da figura paterna de Freud, a saber, Charcot, Breuer e Fliess, havia uma falha.

Foi pela ruptura na identificação de pensamentos com estes três e pela compreensão a respeito da forma como enxergava seu pai no âmbito consciente e inconsciente que o hoje chamado “pai da psicanálise” pôde caminhar para a elaboração de sua teoria.

Assim, veremos a seguir três viradas decisivas na formulação das teorias das neuroses - tendo a histeria como a patologia principalmente investigada - que coincidem com a relação estabelecida entre Freud e estes três representantes de sua figura paterna. Estas ocorreram no período compreendido entre o início da década de 1880 e o final da década de 1890. Depois veremos que, após a constatação de que não acreditava mais em sua neurótica, há a abertura para uma forma mais pessoal do entendimento acerca das neuroses, sendo que a base desta estaria nas fantasias criadas por suas pacientes tendo o pai como agente neste âmbito. Em seguida, veremos como a compreensão do pai edipiano propicia a criação do mito totêmico que explicaria o tabu do incesto, eixo central da organização social, e a incidência deste na sexualidade dos meninos e das meninas.

2. O pai do traumatismo neurótico

No relatório escrito por Freud a respeito de seus estudos em Paris e Berlim, época em que foi contemplado com uma Bolsa para estudar em Salpêtrière, deparamo-nos com o relato a respeito da figura de Charcot, o qual foi descrito com admiração pelo jovem neurologista. Ele aponta que chegou à Salpêtrière buscando ver nesta instituição a maneira francesa de enxergar a neuropatologia. Inicialmente, sua questão dizia respeito aos problemas anatômicos relacionados às atrofias e às degenerações secundárias, porém se interessou ao final, a partir do estímulo que recebeu durante os cinco meses em que lá esteve por um contato científico e pessoal com Charcot.

Freud demonstra no relatório a admiração que passou a ter pelo professor, sua fascinação pela postura dele quanto à aquisição de conhecimento e sua obstinação em chegar a uma resposta condizente com o fenômeno que ali se apresentava. Segundo afirmou (1886/2006),

podia-se verificar a maneira como ele, inicialmente, ficava indeciso em face de alguma nova manifestação difícil de interpretar; podia-se seguir os caminhos pelos quais se esforçava por chegar a uma compreensão; podia-se estudar o modo como avaliava as dificuldades e as vencias; e podia-se observar, com surpresa, que ele nunca se cansava de observar o mesmo fenômeno, até que seus esforços repetidos e sem prevenções lhe permitissem chegar a uma visão correta de seu significado (1886/2006, p. 44).

Charcot era uma figura extremamente controversa no meio acadêmico e seus achados eram colocados em cheque por conta de o método hipnótico estar associado, em grande parte, a posturas charlatanistas e de pouca

comprovação científica. Vemos em seu relatório que Freud se esforça em proteger a imagem de seu professor justificando que sua postura tinha cunho científico e não místico, aliando esta a outros estudos que ele já havia realizado no passado e que tiveram melhor aceitação.

Não vi nenhum sinal de que Charcot mostrasse qualquer preferência especial por material raro e estranho, ou de que tentasse explorá-lo para fins místicos. Pelo contrário, considerava o hipnotismo uma área de fenômenos que ele submetia à descrição científica, tal como fizera, muitos anos antes, com a esclerose múltipla ou com a atrofia muscular progressiva. Não me parecia em absoluto que ele fosse um desses homens que se mostram mais encantados com aquilo que é raro do que com aquilo que é comum; e a tendência geral de sua mente leva-me a supor que ele não consegue descansar enquanto não descreve e classifica corretamente algum fenômeno que o interesse, mas dorme tranquilamente sem ter chegado à explicação fisiológica do fenômeno em questão (1886/2006, p. 47).

A partir da identificação com esta figura e da relação que se estabeleceu entre os dois, Freud empreende um aprofundamento em seus estudos sobre a histeria. Assim, podemos verificar que a mais importante marca que Charcot deixou em Freud fora a respeito de suas revolucionárias ideias acerca da histeria, assunto pelo qual ele mais tinha interesse na época. Seu ensino teve importância por ter proporcionado uma atitude mais científica em relação a esta sintomatologia para o próprio Freud. Além disso, com Charcot, ele aprendeu que, seja qual for a base neurológica que jaz por trás da histeria, os sintomas podem ser simplesmente tratados ou abolidos somente por ideias. Portanto,

eles tinham uma fonte psicogênica. Isto abriu uma nova linha de pesquisa para Freud.

Em 1888, Freud escreve um verbete para a enciclopédia de Villaret a respeito da Histeria. Além de oferecer um histórico sobre a doença, ele fala sobre sua definição, sintomatologia e elucida quais seriam os fatores capazes de desencadear seu desenvolvimento, que ele indicou como sendo a criação regada a mimos (o que ele colocou relacionado à histeria em filhos únicos) e o despertar precoce da atividade mental nas crianças, o que ele chamou de excitações frequentes e violentos.

Dentre os fatores que faziam sua irrupção de uma maneira aguda, ele citou que se encaixava tudo aquilo que poderia exercer um efeito nocivo para o indivíduo e elencou como pertencentes a este grupo: o trauma, o luto, a intoxicação (chumbo, álcool) e emoção consumptiva. Apontou ainda para a possibilidade de estes estados histéricos estarem relacionados a causas que não eram tão claras ou que poderiam ser consideradas como banais.

Vemos também mais adiante neste texto o apontamento para os aspectos relacionados entre a histeria e a sexualidade. O que teria causado esta seria um trauma de cunho sexual.

Entretanto, tem-se de admitir que as condições funcionalmente relacionadas à vida sexual desempenham importante papel na etiologia da histeria (assim como na de todas as neuroses), e isto se dá em virtude da elevada significação psíquica dessa função, especialmente no sexo feminino. O trauma é uma causa incidental frequente da doença histérica, em dois sentidos: primeiro, porque a disposição histérica, anteriormente não detectada, pode manifestar-se por ocasião de um trauma físico intenso, que se acompanha de medo e perda

momentânea da consciência; em segundo lugar, por que a parte do corpo afetada pelo trauma se torna sede de uma histeria local (1888/2006, p. 87).

Quanto ao tratamento da histeria, ele aponta que o mais direto consistiria em remover as fontes psíquicas subjacentes e que reforçam estes sintomas, pois eles estariam de acordo com a vida ideativa inconsciente. Consistiria “*em dar ao paciente sob hipnose uma sugestão que contém a eliminação do distúrbio em causa*” (1888/2006, p. 93).

Freud (1888), ainda no verbete a respeito da Histeria, cita uma experiência com Breuer sobre o método por eles executado.

O efeito até se torna maior se adotarmos um método posto em prática, pela primeira vez, por Joseph Breuer, em Viena, e fizemos o paciente, sob hipnose, remontar à pré-história psíquica da doença, compelindo-o a reconhecer a ocasião psíquica em que se originou o referido distúrbio. Esse método de tratamento é novo, mas produz curas bem-sucedidas, que, por outros meios, não são alcançadas. É o método mais apropriado para a histeria, justamente porque imita o mecanismo da origem e da cessação desses distúrbios histéricos (1888/2006, p. 93).

Segundo Jones (1989), Breuer e Freud se conheceram no Instituto de Fisiologia ao final da década de 1870. Por conta de demonstrarem partilhar os mesmos interesses e pontos de vista, a amizade se estabeleceu. Ele teve importância significativa na vida de Freud não só por conta da publicação conjunta dos Estudos sobre a Histeria, mas também, principalmente, ajudando-

o em sua vida pessoal, colaborando inclusive financeiramente nos momentos mais críticos.

A partir do atendimento de Breuer durante os anos de 1880 a 1882 da paciente Anna O., obteve-se o que chamamos de “a cura pela fala”. Ao relatar o surgimento de um dos sintomas específicos que ela tinha, Breuer constatou que somente a fala a respeito deles proporcionou o desaparecimento deste por completo. Abriu-se a possibilidade para um novo método, o da “limpeza de chaminé” ou “cura pela fala”, que ampliou o arsenal psicoterapêutico que fora aprimorado com o método que ele nomeou como “catarse”.

A transição do método catártico para o método de associação livre pode ser considerada como um dos grandes feitos de Freud, crucial para o desenvolvimento da psicanálise tanto quanto a “autoanálise” anos mais tarde. Ela não aconteceu por um *insight*. Foi sendo formada ao longo dos anos de 1892 e 1895, segundo relato de Jones (1989). Ao longo dos anos, caminhou para seu refinamento e purificação em relação aos métodos que eram considerados como auxiliares no tratamento, que seriam a pressão, hipnose, sugestão e indagação.

O percurso das mudanças de pensamento a respeito da etiologia da histeria e seu aprofundamento teórico podem ser acompanhados através da correspondência trocada entre Freud e Fliess, sendo, este último, médico especialista em nariz e garganta que morava em Berlim.

As correspondências ocorreram de forma significativa entre os anos de 1887 e 1902. Nos extratos dos documentos dirigidos a Fliess, há rascunhos, cartas e o Projeto para uma Psicologia Científica. Todos eles mostram a evolução do pensamento de Freud, além de neles constarem suas dificuldades e impasses.

Os rascunhos anexos às cartas exibem as linhas de raciocínio que Freud ia adquirindo ao longo do tempo e de sua prática, que foram ou não assumidos via publicações oficiais nos meios científicos. Vemos nestes como que Freud vai aprofundando a respeito da origem das neuroses e quanto à participação da sexualidade no desenvolvimento destas patologias.

Encontramos no Rascunho B, datado de 1893, sua concepção a respeito da etiologia das neuroses. Freud coloca inicialmente que a neurastenia ocorre com frequência em casos de vida sexual tida como anormal. Ele entendia como neurose a neurastenia e as neuroses de angústia, o que chamou mais tarde de neuroses atuais. Vemos neste escrito a ligação que ele já fazia entre a origem dos sintomas histéricos e a sexualidade, porém aqui adota um tom mais afirmativo quanto a isto ao apontar que “*toda histeria que não é hereditária é traumática*” e “*toda neurastenia é sexual*” (1893/2006, p. 223).

A seguir, ele faz uma divisão sobre a neurastenia, tida como masculina e a outra, feminina, explicitando as diferenças em cada uma delas, e a neurose de angústia. Ao final, ele conclui afirmando que “as neuroses são inteiramente evitáveis como também inteiramente curáveis” (1893/2006, p. 228). Ele ainda afirma neste rascunho quanto à responsabilidade da repressão sexual na sintomatologia, apontando que “a única alternativa seriam as relações sexuais livres entre rapazes e moças respeitáveis; isto, contudo, só poderia ser adotado se houvesse métodos inócuos de evitar a gravidez” (1893/2006, p. 228). Freud ainda afirma que, na impossibilidade de isto ocorrer, a sociedade estaria condenada a ser vítima de neuroses incuráveis, “que reduzem a um mínimo o gozo da vida, destroem a relação conjugal e trazem a ruína hereditária a toda a geração seguinte” (1893/2006, p. 229).

No mesmo momento em que publicou o artigo *As Neuropsicoses de Defesa*, em 1894, Freud escreve para Fliess (Carta 18) a respeito das lacunas que ele encontra nas suas ideias sobre as neuroses. Aqui ele afirma que *todos* os casos em que ocorrem as neuroses são em decorrência de perturbações na vida sexual.

Em consequência de determinados fatores nocivos sexuais, até mesmo as pessoas sadias podem adquirir as diferentes formas de neurose. O acesso a uma visão mais ampla é proporcionado pelo fato de que, nos casos em que uma neurose se desenvolve sem um fator nocivo, pode-se demonstrar a presença, desde o início, de uma perturbação similar dos afetos sexuais. "Afeto sexual", naturalmente, é tomado no seu sentido mais amplo, como uma excitação de quantidade definida (1894/2006, p. 234).

No intitulado *Rascunho E*, Freud comenta com Fliess sobre como concebe a origem da angústia. Logo no início deste escrito, ele aponta que já tinha percebido a correlação existente entre a angústia de seus pacientes neuróticos e a sexualidade. Para ele, a neurose de angústia surgia em casos de que as pessoas envolvidas não teriam problemas em que suas relações gerassem filhos. Dessa forma, a angústia nesta neurose não era relembrada ou histérica (ele diferencia para caracterizar que o que ocorria não tinha a ver com uma histeria). Ele sugere que poderíamos então buscar a etiologia da angústia não em um conteúdo psíquico, mas no físico. Aponta, em diversos casos que atendeu, que a questão estaria relacionada à abstinência, que ocorria em decorrência de um acúmulo físico de excitação (tensão sexual física). Desta forma, ele caracteriza a neurose de angústia por sua característica de

representação e nisso ela se pareceria com a histeria. Portanto, onde se acumula tensão sexual física teríamos a neurose de angústia. Outra semelhança com a histeria seria o aspecto de conversão, mas a diferença seria que na histeria a excitação psíquica toma um caminho equivocado e vai em direção à área somática. Já a tensão física, que não vai em direção ao âmbito psíquico, permanece no circuito físico. Ao final, ele pede sugestões e diz que muito ainda precisa ser completado. Há muitas lacunas quanto ao entendimento a respeito da etiologia das neuroses.

Em 1895, no rascunho H, Freud comenta a respeito da projeção para fins de defesa e sobre a paranoia. Afirma que da mesma maneira como ocorre na paranoia, tanto a histeria, a neurose obsessiva e a confusão alucinatória ocorrem como um modo patológico de defesa, como uma forma de lidar diante de algo que não conseguem tolerar, desde que tenha uma predisposição psíquica para tanto.

Além de falar mais especificamente da paranoia e sobre a justificativa desta defesa ocorrer, ele a compara com outras formas de defesa que conhecemos, que seriam a histeria, a ideia obsessiva e a confusão alucinatória. Afirma que o que deve ser levado em conta em todos esses casos é o afeto, o conteúdo da ideia e alucinações. Na histeria, ele afirma,

a ideia incompatível não tem acesso à associação com o ego. O conteúdo é retido num compartimento separado, está ausente da consciência; seu afeto é "deslocado" por conversão na esfera somática (1895/2006, p. 258).

Sua consequência seria assim somente a psiconeurose. Na ideia obsessiva o que ocorre é que nesse caso também há uma incompatibilidade da ideia, não tendo essa possibilidade de associação, mas o afeto é mantido e o conteúdo é

representado por um substituto. Na confusão alucinatória, a ideia como um todo é incompatível, tanto em seu afeto como em seu conteúdo, e é mantida afastada do ego. E isto só ocorre também por um desligamento parcial do mundo externo. As alucinações reforçam a defesa e deleitam-se do ego. Na paranoia o que ocorre é que o conteúdo e o afeto da ideia não condizente são mantidos em contraste, mas são projetados para o mundo externo. As alucinações vêm com algo hostil ao ego e, ao mesmo tempo, apoiam a defesa. Vemos com estas correspondências que esta mudança de pensamento, e a exposição de seus raciocínios incompletos e em pleno processo de elaboração, só foram possíveis por ele ter na outra ponta uma relação estabelecida com alguém que atuava como um leitor atento, que se identificava quanto ao fundamento sexual das neuroses, fazendo indicações para Freud, e deixando com ele expusesse suas ideias livremente. Isto abriu possibilidades para inovar em seu pensamento e se descolar aos poucos das propostas elaboradas por Charcot e Breuer.

Neste mesmo ano, 1895, foi realizada a publicação de *Estudos sobre a Histeria*, escrito em conjunto com Breuer, no qual Freud afirmou que a primeira vez em que ele empregou o método catártico fora durante o atendimento à paciente Emmy von N.. Através deste, ele aprendeu que os efeitos da sugestão hipnótica não são duradouros e as consequências positivas que são colhidas através deste método são uma forma de o paciente tentar agradar o médico, perdendo seus efeitos após perda de contato com o profissional. A partir de uma paciente que atendeu nesta época, ele compreendeu que este relacionamento que se dava de maneira tão eficaz entre médico e paciente tinha uma base erótica, independente se esta era manifesta ou oculta.

Apesar de nesta época, segundo Jones (1989), Freud ainda estar influenciado pelos ensinamentos de Charcot quanto à importância dos traumas na composição dos sintomas dos histéricos, ao olhar para este atendimento e encontrar a ligação erótica - que poderia ocultar tanto importantes fenômenos de resistência como da transferência -, Freud começou a descartar gradualmente o hipnotismo e passou para o que consideramos como o método psicanalítico, das livres associações. No caso da Srta. Elisabeth, temos o relato da primeira vez em que ele dispensa por completo o método da hipnose e emprega a nova técnica.

Freud prosseguiu com seus estudos e, no rascunho K (1896a), produzido em 1896, ele discorre a respeito da neurose de defesa, realizando novamente uma comparação entre a neurose obsessiva, histeria e a paranoia. Este rascunho é precursor muito próximo do segundo artigo sobre neuropsicoses de defesa que fora publicado no mesmo ano. Sua meta nesta época era entender a etiologia das neuroses e, principalmente, como se dava a escolha da neurose. Ele elaborou que o que seria comum a todas elas é o fato de que são aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais. O que as diferiria seriam que elas não conduzem à resolução da coisa e somente trariam um prejuízo ao ego. Suas causas estariam dentro de duas condições, que seriam de natureza sexual que ocorreriam durante o período anterior à maturidade sexual.

Ele apontou que para que não houvesse a neurose, a condição necessária seria que, antes do período púbere, o indivíduo não tivesse sofrido nenhuma estimulação sexual de grande significância. O efeito de tal experiência deveria

ser acrescido pela predisposição hereditária, antes de poder atingir um nível possível de gerar uma doença.

Neste momento, ele ainda não tem uma teoria correta a respeito da origem do desprazer que atua no recalçamento no processo sexual. Aqui ele aponta que o caminho seguido nas neuroses de recalçamento seria, primeiramente, uma experiência sexual traumática e prematura que foi recalçada; depois, o recalçamento seria despertado por uma lembrança correspondente, tendo a formação de um sintoma primário que abriria possibilidades para estado de defesa bem-sucedido. Em seguida, o estágio em que as ideias recalçadas voltam (retorno do recalçado) e, como resultado da luta entre elas, surge formação de novos sintomas, o que corresponde à doença propriamente dita. Este seria o primeiro traçado, a fórmula padrão do desenvolvimento de uma neurose. Portanto, Freud afirma que as diferenças significativas entre as diversas neuroses aparecem na forma como retornam as ideias recalçadas e em como o recalque é realizado.

Um ano após a publicação dos Estudos sobre a Histeria, Freud e Breuer já divergiam consideravelmente. Freud investigava cada vez mais o papel da repressão dos impulsos como fato primário constitutivo das neuroses, enquanto Breuer discordava do papel cada vez maior que a sexualidade assumia nas investigações psicanalíticas.

Havia relutância por parte de Breuer, segundo Jones (1989), em realizar uma investigação da vida sexual de seus pacientes e acompanhar as conclusões que Freud vinha tirando a partir destes relatos. Para ele, as perturbações da vida sexual não eram o fator essencial da origem das neuroses, diferentemente do que Freud pensava a respeito.

A cooperação entre os dois autores deste texto encerrou no verão de 1894, antes da publicação do trabalho conjunto. Apesar de em um encontro do Colégio de Médicos se mostrar a favor do trabalho de Freud e em concordância com suas concepções acerca da etiologia sexual das neuroses, Breuer afirmou para Freud logo após o encontro que não acreditava em uma palavra do que ele dizia a respeito.

Coincidentemente, conforme aponta Jones (1989), a principal alteração do sentimento de Freud em relação a Breuer ocorreu no primeiro semestre de 1896, época em que sua relação com Fliess ocorria de forma mais arraigada. Em toda esta história, vemos a necessidade de Freud de ter experiências de amor e ódio com seus parceiros de pesquisa.

A morte de seu pai, também em 1896, o abalou muito emocionalmente, porém só conseguiu perceber, não sem se impactar com suas constatações durante o processo de análise ao qual se submeteu, que “seu inconsciente tinha tomado em relação a seu pai que denotava uma atitude muito diferente da de sua consciência” (JONES, 1950/1989, p. 23)

Ao analisar seus próprios conteúdos, o então neurologista pôde se encontrar em posições muito semelhantes a de seus pacientes, averiguar como determinadas vivências foram significativas e determinantes em sua vida, além de constatar as dificuldades em entrar em contato com conteúdos mais sofridos e reprimidos. Com isto, avançou ainda mais em sua teoria.

Ao final de 1896, na carta 52 (1896b), Freud hipotetiza a respeito da formação do mecanismo psíquico e aponta que o material pode ter se formado a partir de traços da memória, realizando um rearranjo a partir de novas circunstâncias. Assim, ele afirma que a memória não se daria de uma única vez, mas se

desmembraria em vários tempos e os registros estariam separados de acordo com os neurônios que são seus veículos. Nela, ele apresenta a Fliess uma figura que prenuncia os esquemas do aparelho psíquico que, mais tarde, em *A Interpretação dos Sonhos*, ele desenvolvera mais plenamente, que corresponderia ao caminho da introjeção de conteúdos e a percepção dos mesmos.

Quanto ao recalçamento, ele supõe que seria uma falha na tradução, como se o desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não a permitisse. A defesa patológica ocorreria contra um traço de memória de uma fase anterior e que ainda não foi traduzido. Assim, ele afirma que “o que determina a defesa patológica (recalçamento), portanto, é a *natureza sexual do evento e a sua ocorrência numa fase anterior*” (1896b/2006, p. 284). Nesta época, ele chega a afirmar que acredita que a histeria estaria associada à perversão, como se ela fosse um resultado desta. A seu ver, a histeria seria o resultado cada vez mais uma sedução através do pai e viria como uma forma não de sexualidade repudiada; seria um repúdio à perversão. Ele compreende aqui o ataque histérico como uma ação que conserva a característica de ser uma forma de reprodução do prazer.

O ano de 1897 fora o ano de maiores avanços em sua teoria. No início deste, vemos na carta 57 que Freud começa a esboçar a ideia de que haveria nas perversões, das quais a histeria seria o seu negativo, um remanescente de um culto sexual primevo. Ele afirma ainda que as ações pervertidas seriam sempre iguais: teriam um significado e seriam executadas segundo um padrão passível de ser compreendido. Quanto aos pacientes histéricos, ele afirma que:

reconhece o pai por trás de seus elevados padrões referentes ao amor, de sua humildade para com o amante, ou da sua incapacidade de casar, porque seus ideais não são satisfeitos. Naturalmente, o fundamento disso é a altura a partir da qual um pai olha com superioridade para o filho (1897a/2006, p. 292).

Ao final, ele demonstra suas dúvidas quanto ao que havia afirmado anteriormente em um das cartas de que a escolha da neurose seria determinada pelo período em que ela se origina. Apesar de afirmar que ela seria fixada na mais remota infância, sua dúvida era se ela ocorreria pelo período em que ela se origina ou o período em que ocorre o recalçamento. Neste mesmo ano, em uma breve nota na carta 59 (1897b), ele afirma que as fantasias histéricas são originadas a partir de reminiscências do que as crianças ouviram em tenra idade e que viriam a ser compreendidas somente mais tarde.

Foi no rascunho L (1897c), anexo à carta 61, que ele delinea melhor quanto à arquitetura da histeria, dizendo que o objetivo que deve ser mantido em mente quando se trata desses casos é voltar às cenas primitivas onde estavam situados os traumas. Ele relata que, na maior parte das vezes, isto era conseguido através de um caminho indireto, que seria através das fantasias e que, somente em alguns casos, era possível ir direto à cena traumática.

Para ele, neste momento, as fantasias “são fachadas psíquicas construídas com a finalidade de obstruir o caminho para essas lembranças” (1897c/2006, p. 297) e elas são feitas de coisas que o paciente ouviu, acontecimentos passados que não necessariamente diziam respeito à história vivida da pessoa que estava com o trauma. Normalmente, elas estariam relacionadas com

coisas que o indivíduo ouviu, assim como os sonhos, que para ele estariam relacionados com coisas que foram vistas.

Freud também fala que era possível seguir o caminho e o material que foi utilizado para a construção das fantasias e que estas se assemelhavam muito a formação dos sonhos. Aqui ele já tinha chegado a uma das principais linhas de seu pensamento a este respeito. Ainda, ele afirma que há casos em que o paciente deseja estar doente e isto ocorre em situações que a doença é tomada como uma arma de defesa contra a própria libido do paciente. Torna-se assim um sintoma defensivo.

No rascunho M (1897d), datado deste mesmo ano, Freud continua traçando a arquitetura da histeria. Afirma que não são todas as cenas que são acessíveis à consciência e algumas só emergem por intermédio da fantasia. A ordenação das cenas tinha a ver com a maneira como foram recalçadas. As que foram recalçadas com menor intensidade vinham à luz primeiramente, porém não por inteiro. Assim, as fantasias se originavam de uma combinação inconsciente e eram determinadas por coisas que foram experimentadas e ouvidas. Isto faria com que ficasse impossível de acessar a lembrança que poderia ocasionar o aparecimento dos sintomas. Ele também aponta neste rascunho que a distorção que vemos nelas não respeita uma ordem cronológica dos fatos.

Começavam a surgir cada vez mais dúvidas quanto à teoria das neuroses e da real participação do pai na causa da sintomatologia histérica. Nas cartas a partir de agosto de 1897, ele demonstra seu tormento quanto às incertezas a respeito disto. Ele percebe o efeito disto na sua análise ao relatar certa paralisia e preguiça em sua mente. Mas avançar foi preciso, assim como se dar

conta de que não acreditava mais em sua neurótica. Este fora um passo decisivo para a construção do pensamento psicanalítico.

Em setembro de 1897, em carta endereçada a Fliess (FREUD, 1897e), ele surge com a famosa frase de que não confiava mais em sua neurótica e na sua teoria das neuroses, algo que ele havia sustentado nos últimos cinco anos. Ainda depois desta carta, segundo o editor, ele demorou alguns meses para abandonar por completo a teoria do trauma. Uma das coisas que ele aponta como um fator que deveria estar presente para continuar sustentando a teoria do trauma seria o fato de que em todos os casos, inclusive o seu pai, teria que ser apontado como perverso, sendo que a perversão passaria assim a ser muito mais frequente do que a histeria.

Outro fator que colaborava para que não conseguisse mais sustentar essa teoria era a de que ele havia descoberto de que no inconsciente não havia indicações da realidade, portanto, não haveria como distingui-la da fantasia.

Apesar das dificuldades em reconhecer seu equívoco, ele consegue ver nesta constatação esperança e reflete que esta dúvida poderia ser o início da emergência de um novo conhecimento. Havia para si mais o sentimento de vitória do que derrota em relação a esta descoberta. Aqui temos uma transição em sua teoria de grande importância, na qual Freud passa a conceber a fantasia, e não o trauma, como o cerne das neuroses.

Assim como os mitos, a fantasia surge para explicar algo que não se explica; entra no lugar de uma solução para os enigmas com os quais as crianças vão se deparar. Sua origem estaria no sujeito, na sexualidade, nos sexos. Esta mudança no curso da compreensão da neurose possibilita que Freud reformule

a relação com o pai e passa a colocá-lo como representante de uma função central para o sujeito.

Ao acompanharmos o percurso de Freud e as tentativas de significar o pai ao longo de sua obra, verificaremos que o fato inaugural da Psicanálise é a passagem de um pai sedutor a um pai edípico (Lang, 2002).

3. O desejo inconsciente e a elaboração da teoria sobre o pai

3.1. Os sonhos e a revelação do desejo edípico

Antes de chegarmos à versão edípica do pai em Freud, precisamos retomar um ponto de extrema importância que abriu para a mudança em relação à compreensão das neuroses, permitiu sua saída da teoria da sedução e o encaminhou para a teoria da fantasia. Isto merece destaque uma vez que diz respeito à experiência do próprio Freud tomar como enigmas os conteúdos que seus sonhos apresentavam. A abertura para decifração dos conteúdos nele presentes foi determinante para a transformação de sua teoria.

Como já foi salientado anteriormente, é inegável o impacto que a morte de Jacob Freud teve na vida de seu filho Sigmund. Em 1896, na carta 50 (1896c), ele comunica a Fliess sobre o sonho que teve logo após a morte de seu pai, ocorrida naquele mesmo ano. Vemos que desta carta em diante, a temática das correspondências entre eles estava mais centrada no seu interesse pelos sonhos. Encontramos nela o relato de seu sonho e a conclusão de que ele seria uma saída para a tendência à autocensura.

Na produção onírica em questão, Freud estava em um lugar público e leu um aviso que continha os seguintes dizeres: “Pede-se que você feche os olhos”.

Ele reconheceu o local no qual isto estava escrito como sendo uma barbearia que ele frequentemente visitava. Ele justifica a presença deste local no sonho dizendo, no dia do sepultamento de seu pai, ele esperou neste lugar mais do que normalmente se aguardava para ser atendido. Por conta desta demora, ele chegou atrasado à casa funerária. Logo, seus familiares ficaram incomodados com seu atraso, com o fato de que ele propôs e fez um funeral modesto e simples. O sentido que Freud deu à frase foi “deve-se cumprir a obrigação com os mortos” (1896c/2006, p. 281), o que ele interpretou como sendo, ao mesmo tempo, uma desculpa por sua conduta, uma tolerância para sua atitude no dia e uma obrigação, todas, de alguma maneira, condensadas nesta frase.

Mais adiante, no capítulo “Os Meios de Representação dos Sonhos” em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), temos uma nova versão em relação a esta produção onírica que visa ampliar a questão relacionada ao sentimento de culpa. Freud apresenta uma correlação deste sentimento com o desejo infantil da morte do pai.

Este não fora o único sonho que clamou por interpretação. Outro indício de que estaria se encaminhando neste sentido pode ser encontrado na carta 64 (1897f) endereçada a Fliess, na qual ele sugere de que acredita que estaria no caminho de encontrar a origem da moralidade e da vergonha, tão presentes e perturbadoras no caso das neuroses. Nesta correspondência, ele apresenta e analisa um sonho erótico que teve com sua filha mais velha, Mathilde, no qual afirma que teria tido demonstrações de sentimentos “super carinhosos” para com a menina, na época com 11 anos de idade. Porém, no sonho, seu nome era outro: Hella. Este era o nome de uma sobrinha sua americana da qual recordava dizendo que esta tinha grande vontade de conhecer mais

profundamente a mitologia da antiga Hélade e dos heróis helenos. Freud interpreta seu sonho dizendo que nele há claramente a realização de seu desejo em encontrar “um pai que seja o causador da neurose e, desse modo, por fim às dúvidas que ainda persistem em mim sobre esse assunto” (1897f/2006, p. 304).

As cartas que vieram posteriormente e a forma como se deu o desenvolvimento da teoria sobre o complexo edípico nos permitem realizar uma releitura deste sonho, ampliando-o para novas significações.

A presença de conteúdos eróticos com Mathilde na produção onírica freudiana o levou à mitologia grega, o que verificamos no rascunho N (1897g). Datado de maio de 1897, há o comentário sobre os impulsos hostis contra os pais, presente nas neuroses. Ele diz que, a seu ver, o desejo de morte no filho estaria voltado contra os pais. Há o questionamento se estes impulsos não estariam ligados às fantasias ou sendo provocados por elas. Quanto ao motivo da construção dos sintomas, ele afirma que a libido e os sintomas seriam, assim como os sonhos, *a realização de um desejo*, o que já havia sido colocado no Projeto, de 1895.

Vemos que a elaboração acerca do pai edípico e do desejo parricida só foi colocada em cena quando o próprio Freud permitiu enxergar estes conteúdos nele mesmo. Portanto, podemos afirmar que o pai do Édipo só foi possível a partir de sua experiência pessoal e, ainda, real, pelo fato de ter tomado o conteúdo dos sonhos como um enigma que solicitava deciframento.

No rascunho N vemos a primeira indicação dele a respeito do complexo de Édipo, segundo o editor, o que veio surgir de maneira mais concreta cinco meses depois, na carta 71 (1897h).

Datada de outubro de 1897, nesta carta Freud fala da força avassaladora que pode ser vista em Édipo Rei, apesar de todos os revezes de seu destino. Ao final da história, ele afirma que conseguimos compreender porque estes dramas estavam condenados a fracassar lamentavelmente. Ele relata ainda que:

a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual (1897h/2006, p. 316).

É importante ressaltar uma porção pessoal que encontramos nesta mesma carta. Freud inicia falando das dificuldades de sua própria análise, da importância que ele dá a ela e que seu valor será ainda maior quando ele chegar ao seu término. Ele se identifica com seus pacientes dizendo que nos últimos dias tem a sensação de estar amarrado, impressão semelhante e da qual eles também reclamavam. Fala que encontrou alguns pontos de referência reais para a sua história, fazendo perguntas para sua mãe a respeito de sua babá e de um médico da família, além de relacionar estes fatos com as conclusões de sua interpretação dos sonhos. Constata que, apesar de ter clareado a respeito de muitas coisas, não havia chegado a nenhum ponto conclusivo.

O mais importante conteúdo desta correspondência diz respeito à força avassaladora de Édipo Rei e à verificação, também em seu caso, da “paixão

por sua mãe e o ciúme de seu pai”, o que ele passou a considerar um evento universal do início da infância, “mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas” (1897h/2006, p. 316).

Com esta mesma correspondência, temos outro fator de extrema importância, que propiciou o encontro com um enigma que o real de sua experiência lhe apresentou e solicitou interpretação. Sabemos, através da correspondência trocada, que esta carta não teve resposta. Em outubro de 1897, ele solicita explicitamente uma resposta de Fliess quanto a sua teorização, demonstrando claramente seu incomodo em relação ao silêncio:

“você não disse nada sobre a minha interpretação de Oedipus Rex e de Hamlet. Como não falei com mais ninguém a esse respeito, pois bem posso imaginar antecipadamente a rejeição atônita, gostaria de receber de você um comentário sucinto sobre ela. No ano passado, você rejeitou muitas de minhas ideias, com boas razões (1897i/1986, p. 278).

As diferenças de pensamento entre Freud e Fliess começam a cada vez mais tornarem-se explícitas. Ainda que Freud o admirasse, suas concepções acerca da bissexualidade e o que compreendiam quanto à figura paterna fizeram com que as contestações que se acentuassem.

O real distanciamento de Fliess quanto à paternidade e o Édipo provoca uma cisão na identificação que Freud tinha por ele. Isto faz com que ele passe a adotar uma nova postura em relação a Fliess. Um ano depois do silêncio de seu ouvinte sobre o Édipo, Freud acaba por somente lhe enviar manuscritos e deixa de solicitar sua colaboração teórica. Esta comunicação se dará até 1904, ano em que houve o rompimento definitivo entre ambos, que ocorre ao Fliess

acusar Freud de plágio quanto ao conceito de bissexualidade que ele havia postulado.

Começa-se agora uma nova abertura de pensamento para Freud. Podemos esquematizar a ocorrência da questão edípica em sua obra separando-a em quatro momentos. Inicialmente, vemos o Édipo aparecer ligado à teoria dos sonhos, comprovando a afirmação de que o sonho seria uma realização de desejo. Em seguida, vemos a irredutibilidade da cena edípica e o tomar do outro como um devorador, tendo o pai como representante totêmico. Por sua vez, a morte deste e o banquete realizado com suas partes coloca o pai numa condição de simbólico, permitindo a liberdade para busca de outro objeto. Em um terceiro momento, a identificação e a morte do pai apontam para o nascimento do sujeito, abrindo um espaço para novas conceituações como as de superego e o inconsciente, este agora de modo mais sistemático. No quarto e último movimento a respeito do Édipo na obra de Freud, temos a ideia de castração ligada à verdade que estrutura um sujeito, que é transmitida através de uma trama edípica e o outro é tomado em sua porção de norteador para as demais relações do sujeito e outras figuras distintas.

3.2. O pai do Édipo

Primeiramente, a discussão sobre o Édipo reaparece em A Interpretação dos sonhos na seção intitulada “Sonhos sobre a Morte de Pessoas Queridas”, no quinto capítulo da obra, onde se estabelece uma equivalência entre sonhos, desejos inconscientes, desejos infantis e o Édipo. Freud se detém a comentar a respeito das produções oníricas em que o sonhador fica profundamente abalado com a ideia de ter sonhado com a morte de uma pessoa pela qual

preza bastante. Ele oferece diversos exemplos em relação à hostilidade que as crianças demonstram para com seus irmãos e irmãs e busca, a partir disso, oferecer sua explicação a respeito do porquê de haver desejo de morte contra os pais, uma vez que estes são aqueles que lhe oferecem amor e suprimento das necessidades.

Inicialmente, ele fala de uma preponderância existente no sonho dos meninos de sonhar com a morte do pai e das meninas por sonharem com a morte da mãe. Ele entende que isto ocorre por eles tomarem aqueles como rivais e que a eliminação deste lhe traria alguma vantagem. E ele aponta, neste momento, para uma causa de hostilidade que fica oculta entre pais e filhos, que é o fato de que nesta relação há desejos que não podem passar pela censura e que também no caso destes sonhos, o que vemos é o produto onírico como a realização de um desejo. Ele constata que o desejo de morte dos pais está localizado na primeira infância.

Freud afirma que descobrir esta relação de amor e ódio entre os filhos e seus pais já estava presente de maneira escancarada na lenda de Édipo. É a partir deste mito que ele explicará como isto ocorre e a razão de todos nós nos comovermos com a história de Édipo por conta de seu destino. Este poderia ter sido o de qualquer um de nós.

É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é isso o que se verifica. O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis (1900/2006, p. 290).

Assim como Édipo, todos vivemos na repugnância destes desejos incompatíveis com a moral. Nossa grande diferença em relação a ele é o fato de que, diante de tal desejo permeado por amor e ódio, estes se recuam pela total força do recalçamento. Ele finaliza afirmando que nesta lenda grega vemos a reação da imaginação a estes dois sonhos típicos (desejos incestuosos com a mãe e de morte do pai).

Portanto, apesar de Édipo aparecer neste instante da obra relacionado à teoria dos sonhos, reafirmando a hipótese do sonho como uma manifestação de desejo inconsciente, esta ideia permite a saída definitiva da teoria da sedução real e o lança para aquilo que estava concebendo como a teoria da fantasia e da sexualidade infantil.

3.3. O pai totêmico

Em nota de rodapé acrescentada em 1919 na obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud nos afirma que estudos que vieram posteriormente constatam que no “complexo de Édipo” (nome que veio a ser dado em 1910) vemos a importância da história ontológica dos seres humanos e sua evolução tanto no que diz respeito à moral e à religião.

Em 1913, com a publicação de *Totem e Tabu*, temos a representação de um momento decisivo na teorização acerca do Édipo. Realizado a partir de uma pesquisa antropológica a respeito da etiologia da civilização, o crédito desta obra esta em ser aquele sem o qual não haveria possibilidades de abordar a questão paterna e o pai na psicanálise. Freud aqui toma o pai como o ponto de origem da cultura. Ao formalizar o pai primevo como vítima de assassinato, ele

aponta para os efeitos que isto produziu na subjetividade dos filhos e quais foram as respectivas consequências sociais.

Em Totem e Tabu, Freud se utiliza de um recurso mítico para explicar e fortalecer a tese edípica e a origem das civilizações, que teria como ponto de origem o horror ao incesto. Ele propõe nesta obra que este seria o que enodaria três pontos cruciais, que seriam: a aproximação entre os povos primitivos, a infância e a neurose.

Freud se utiliza da hipótese criada a respeito do mito da horda primeva para explicar o totemismo e o complexo de Édipo. O ponto de intersecção utilizado por ele foi o caso Hans (1909a), apresentado em 1909, que diz respeito ao menino de cinco anos que tinha fobia a cavalos. Neste, havia um conflito subjacente, que dizia respeito ao medo inconsciente do pai como aquele que seria o castrador dentro da vivência edípica. Assim, a organização totêmica estaria em conformidade com o raciocínio presente no sintoma do menino. A fobia expressa que há uma demarcação de limites e o tabu de Hans, que seria a representação do cavalo, demonstra aquilo que é proibido, da mesma maneira que o totem indica aquilo que é inacessível e sagrado. Desta forma, o totem, assim como o pai edípico, serve como representante e promotor da lei da proibição do incesto.

Seu mito consiste em dizer que, na horda primitiva, havia um pai autoritário, que tinha acesso a todas as mulheres e que utilizava de violência e de possessões para disseminar seu poder, o que provocava nos demais membros do grupo medo, inveja e desencadeava o mal-estar. Tamanha era a hostilidade que os demais membros do grupo se juntaram para planejar sua morte. Ela fora concretizada e realizaram um banquete com as partes de seu corpo. O ato

de devorar e incorporar de forma canibalesca as partes deste pai estabelecia uma identificação e é justamente este olhar acerca de um ideal comum a todos, que inaugura um novo momento na teoria edípica.

A morte do pai poderia produzir novamente esta mesma situação ao garantir o poder à pessoa que ocupasse seu lugar, porém a lei paterna foi introjetada e limites entre os indivíduos foram demarcados. Ao sentirem culpa por terem realizado tal ato, estabeleceram além da moralidade, a base de uma nova forma de organizar a sociedade e a religião.

Freud explica que, nos rituais sociais nos quais vemos um animal fazendo parte de um banquete partilhado por todos, isto nada mais é do que a exemplificação do que ocorrera neste mito. O animal é um representante, um totem, que substitui o pai primevo. A diferença está no fato de que o pai morto passa a ser um pai simbólico.

3.4. Casos clínicos e leituras psicanalíticas de Freud que sustentam o pai em sua função simbólica

É possível ver na trajetória clínica de Freud que grande parte de seus ensinamentos, desde o início dos anos 1890, vinha de seu próprio laboratório: seu divã. A partir do relato produzido por seus pacientes ao deitarem neste dispositivo, ele extraía grande parte de suas considerações analíticas e, de acordo com o que ali se apresentava, ele refinava sua técnica e avançava na formatação da teoria psicanalítica ao confirmar ou abandonar suas hipóteses. Os casos clínicos e os estudos de autobiografias (Schreber e Leonardo da Vinci), que ele analisou à luz de sua teoria, davam sustentação a seus argumentos. Eles demonstram o registro da formação desta linha de

pensamento e as chaves de leituras para compreensão dos fenômenos psíquicos de maneira persuasiva e pedagógica.

Em seus casos clínicos, Freud nos introduz a personagens históricos, obsessivos e paranoicos; a um menino fóbico, com quem esteve apenas uma vez durante o tratamento e a um psicótico, internado num hospital de doenças mentais a quem nunca chegou a ter qualquer contato. Além de estes possibilitarem a confirmação de suas teorias, como, por exemplo, Hans e o Homem dos Ratos sustentarem o que ele havia postulado em Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905) e, mais tarde, em Totem e Tabu (1913), vemos em todos eles como a figura paterna comparece e sustenta uma fantasia, dando lugar ao pai em sua função simbólica.

Em outubro de 1907, Freud começou um trabalho de análise do paciente que veio a ser conhecido como “O Homem dos Ratos” (1909b). Através do estudo deste caso, ele procurou explicar a neurose obsessivo-compulsiva a partir da teoria psicosexual do desenvolvimento. Verificamos com a apresentação deste caso como que a escuta analítica possibilita buscar conexões perdidas e permite suas relocalizações dentro de um contexto possível para o paciente, no qual o afeto não esteja ausente.

Freud tomou que a etiologia da neurose do paciente estava em sua vida sexual infantil. Vemos que o caso apresentado gira em torno de sentimentos conflitantes do paciente em relação a seu pai. Porém, o que dificultava era que O Homem dos Ratos não só lutara contra seu pai, como também se identificara a ele.

Havia a crença, para o Homem dos Ratos, de que algo de ruim poderia acontecer a seu pai. Diante destes pensamentos, o paciente se esforçava por

realizar algumas promessas obsessivas como uma maneira de fazer com que esta punição a seu pai não ocorresse. Ao lidar e superar o tema que estava relacionado ao seu sintoma, que era a dívida com o pai, o paciente pôde sair da condição fantasiosa de ver que ele seria como sua figura paterna. Todavia, fora visto que era esta condição na fantasia de dívida o colocava dentro da linhagem paterna e, ao mesmo tempo, fazia com que ele ficasse à mercê das mesmas frustrações pelas quais seu pai passou, podendo ser tanto da dívida (no jogo) e da dúvida (sobre com quem iria casar).

Vemos que a leitura de Freud sobre o caso ficou concentrada na ambivalência do paciente para com seu pai e a jovem a quem cortejava. Este sentimento tinha origem em uma época de intensa e precoce sexualidade, concomitante a remotos sentimentos de ira contra seu pai - que haviam sido severamente reprimidos. Após um ano de análise, o Homem dos Ratos curou-se de seus sintomas. No capítulo final (O complexo paterno e a solução da ideia dos ratos), bem como nas Notas manuscritas sobre o relato original do caso, podemos verificar que a análise do paciente caminhou no sentido de uma progressiva ressignificação da experiência, de forma a restituir ao sujeito o sentido perdido da sua história.

Freud enxergava que a psicanálise poderia dialogar com outras áreas e demonstrar sua influência para além do que se restringia ao divã ou a um caso clínico. O artigo sobre Leonardo da Vinci (1910) era visto por ele como um exemplo de como nas produções humanas, nas sublimações, haveria algo que a psicanálise também poderia dizer a respeito.

Ao estudar sobre a vida e a obra do artista, Freud percebeu a correlação entre suas obras e a vivência de sua tenra infância somente com sua mãe e na total

ausência do pai, fatos que teriam sido sublimados, respectivamente, no sorriso enigmático presente no rosto das mulheres pintadas por ele anos mais tarde e no seu interesse posterior a respeito do voo das aves.

Na visão freudiana, a ruptura na vivência com sua mãe biológica ainda na infância e o fato de ter ido viver na casa de seu pai, possibilitaram que ele se identificasse com sua mãe, com seu primeiro amor, determinando que o modelo de seus objetos de desejo fosse narcísico, ou seja, baseado em sua própria imagem. Verifica-se, no caso de Leonardo, a fuga da atração exercida por outras mulheres como uma forma de não trair amor incondicional de sua tenra infância. Ao sublimar, ao produzir em suas obras o sorriso enigmático que, de alguma forma, trazia-o ao reencontro com sua mãe, ele contornava seu desejo.

Em meio às publicações de Leonardo, Freud empreendeu na leitura da autobiografia de Daniel Paul Schreber. Ao terminá-la, Freud decidiu apresentar o caso expondo a correlação que lá havia entre a paranoia, a homossexualidade passiva reprimida e os mecanismos de repressão. Apesar disso, a importância deste trabalho diz respeito não só às formulações quanto a estes assuntos, que permaneceram por muito tempo em sua obra, mas também por ter sido precursora dos artigos de metapsicologia que ele veio desenvolver poucos anos mais tarde, que estavam relacionados ao narcisismo, às pulsões e seus destinos, além da menção de Freud quanto aos totens, que marcava sua entrada pelo campo da mitologia.

A partir do atendimento de um paciente nesta mesma época, que o conteúdo veio a ser publicado em 1918 em "História de uma neurose infantil: O Homem dos Lobos (1918[1914])", vemos formalizada a hipótese de Freud de que as

experiências infantis são determinantes na formação de uma neurose adulta. Vemos neste caso que as justificativas e interpretações que Freud deu a respeito do psiquismo e da enfermidade do paciente foram trabalhadas nos pormenores da trama histórica vivida e trazida pelo paciente. Nela ele se empenha em fazer a análise de uma neurose infantil a partir da análise de um adulto.

Através do relato de cenas, histórias recordadas e associadas ao sonho, no qual ele teria visto alguns lobos brancos sentados em uma noqueira, Freud estabelece a rede na qual elas se cruzam e se encontram, e permitem remeter a uma outra cena que estava encoberta, como um pedaço faltante, que envolvia branco e lobos. Esta estaria relacionada a uma cena de coito dos pais do paciente que ele havia presenciado quando tinha um ano e meio. Ao construir esta cena, há a simbolização de tais conteúdos e a resolução dos enigmas da análise e da doença de seu paciente. Esta construção se enquadra dentro das exigências do método desenvolvido pela psicanálise por buscar a causa última e que era a fonte do sonho e de outras perturbações que o paciente teve.

Esta produção onírica do Homem dos Lobos e o desenvolvimento desta análise tiveram lugar significativo na teoria do desenvolvimento psicosexual, uma vez que representavam muito bem as teorias freudianas e validavam a psicanálise. Nelas, encontramos pontos marcantes, que dizem respeito à sexualidade, à análise dos sonhos, ao inconsciente e à catarse, e que sustentam aquilo que já havia sido postulado pelo pai da psicanálise em Estudos sobre a Histeria (1895), A Interpretação dos Sonhos (1900) e nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905).

No ano seguinte à publicação de História de uma Neurose Infantil (1918), Freud (1919) divulga um ensaio primoroso no qual faz um recorte e amplia suas concepções a respeito de uma de suas questões mais marcantes: “O que é um pai?”.

A partir de um alto número de casos que atendia que tinham a incidência de fantasias com cenas nas quais uma criança era espancada, relatadas sempre permeadas por incertezas, hesitações, sentimentos de culpa e vergonha, Freud compreendeu que estas propiciavam um aumento no grau de excitação produzindo atos masturbatórios que, inicialmente, eram voluntários e, posteriormente, passaram a ser obsessivos, ou seja, com um caráter involuntário.

Freud investigou a respeito destas fantasias e fez perguntas que visavam compreender: quem era a criança espancada? Seria esta a que tinha criado a fantasia ou uma outra? Tratava-se da mesma criança todas as vezes ou poderia aparecer a cena com outras? Quem era o agente deste ato de agressão? Seria um adulto (e quem era ele) ou a própria criança? Estas perguntas fizeram com que ele chegasse simplesmente à conclusão de que nada soubera a respeito disto, mas a única certeza era que estavam espancando uma criança.

Ele relatou que, no cerne das fantasias que incluíam cenas de espancamento, havia um complexo desenvolvimento histórico que envolve alguns personagens correlacionados ao autor da fantasia, seu objeto, significado e conteúdo. Ele estabeleceu que isto ocorreria em três etapas distintas. De início, situa-se que quem realiza o ato do espancamento é um adulto que, tempos depois, será reconhecido como o pai. Ele postula que na primeira etapa da fantasia temos

uma cena representada pela frase "meu pai está batendo na criança" e Freud afirma que ele pensa desta maneira assumindo que o pai está batendo em uma criança por qual o criador da fantasia tem ódio. Esta seria uma forma de gratificação do ciúme da criança que, diante da agitação às voltas de seu complexo parental, onde se coloca a rivalidade da menina em relação à figura materna em conflito pelo amor do pai, concomitante à dependência afetiva nutrida por ela, aparecem, ao mesmo tempo, outros rivais, a saber, os irmãos. A criança logo compreende muito facilmente que o ato de alguém ser espancado está ligado a uma privação de amor. Assim, isto acaba significando para ela que seu pai não ama a outra criança e só tem amores por ela.

Entre a primeira e a segunda etapa há uma transformação na qual ocorre uma coincidência entre o criador da fantasia e a criança que está sendo espancada, na qual ela se coloca na posição de "estou sendo espancada pelo meu pai", determinando o modo masoquista da fantasia. Há uma punição pelo amor incestuoso. A representação da criança que agora passa a ser espancada é uma expressão direta de seu sentimento de culpa. Na terceira etapa há uma completa dessubjetivação, tendo a indeterminação da figura que bate, podendo esta ser representada por qualquer figura de autoridade. Nela, a criança que formula a fantasia não mais aparece. Ela fica somente no lugar de espectadora. No lugar de uma única criança sendo batida, há agora a possibilidade de ela ser qualquer uma. Vemos que nesta última etapa há o aparecimento do simbólico como resultante de uma operação que se estabelece e comporta uma simetria com o Édipo, o que acaba por indicar sua universalidade. Apesar de não ter escrito diretamente sobre esta correlação, vemos na elaboração deste texto, ao todo momento, uma alusão ao Édipo.

É importante manter em mente que o objetivo deste texto freudiano era o de investigar a origem das perversões sexuais - tanto que seu subtítulo indica isto. Todavia, não é a primeira vez que um escrito de Freud vai além de sua meta e os conteúdos nele presentes possuem um alcance maior do que ele se propôs inicialmente. O que fica de importante para nós a respeito dele é que a fantasia originária é inconsciente e resulta do complexo edípico. Com a dissolução deste, ela se mantém como sobra, resto, e influenciará a posição do sujeito e a maneira de estabelecer suas relações.

3.5. Novas formulações do pai do Édipo a partir do pai totêmico

Nove anos mais tarde da publicação de *Totem e Tabu* (1912), Freud publica em *Psicologia de Grupo e Análise do Eu* (1921) um capítulo dedicado somente à questão da identificação e sua vinculação à teoria Edípica. Ele inicia expondo que, na psicanálise, compreendemos a identificação como a forma mais afastada de representação de uma ligação emocional com outra pessoa e que esta, por sua vez, ajuda a preparar o caminho rumo ao complexo de Édipo.

O autor afirma que, ao mesmo tempo em que esta identificação ao pai ocorre no caso do menino, há uma ligação libidinal à mãe, formando, assim, dois laços completamente diferentes e que coexistem até o momento em que o menino nota que seu pai o atrapalha na sua relação com a mãe. Isto gera certa hostilidade em relação à figura paterna e ocorre a identificação com o desejo de substituí-lo, tomar seu lugar na relação com a mãe. Por este motivo que ele afirma que a identificação é, de certa forma, ambivalente, pois possui tanto o desejo de proximidade como o de afastamento. Neste momento, ele não

concebe uma diferenciação entre o Édipo na menina e no menino, pois nela isto também poderia ocorrer via um desejo hostil de tomar o lugar da mãe.

Outro ponto importante que vemos neste texto é a respeito das três formas de ocorrência da identificação. Primeiramente, ela pode constituir a maneira original de laço afetivo com um dado objeto. Depois, de forma regressiva, ela pode substituir uma ligação de objeto libidinal através da introjeção do objeto no ego. E, por último, ela pode aparecer junto de qualquer nova percepção de uma qualidade compartilhada com alguma outra pessoa que não é o objeto da pulsão sexual. E ele ainda afirma que, quanto mais forte for esta qualidade compartilhada, mais próspera torna-se a identificação parcial, possibilitando, assim, um novo laço. Freud afirma que é essa qualidade comum que podemos colocar como aquela que existe na natureza do laço com um líder.

Em *A Organização Genital Infantil*, publicada em 1923, ele realiza um acréscimo para o que fora publicado nos *Três Ensaio*s, em 1905, no qual expôs o que ele verificava de diferente na sexualidade encontrada nos adultos e nas crianças.

Sua opção em escrever esta nova obra ocorre por não mais se contentar com o argumento de que a prevalência dos órgãos genitais no primeiro período da infância fora feita de maneira incompleta ou não fora feita. Ele acredita que há uma grande aproximação da vida sexual entre crianças e adultos – maior do que se supunha - e que esta não está limitada somente pelo aparecimento da escolha de um objeto. Há na criança grande interesse nos genitais e em seu funcionamento. Porém a diferença que ele introduz aqui seria quanto a uma nova fase nessa organização, que seria a fase fálica, na qual, para ambos os

sexos, o que entra em consideração é somente um órgão genital, a saber, o masculino. Temos assim, a primazia do falo e não dos órgãos genitais.

Freud aponta que, diante das primeiras impressões da ausência do pênis, a atitude escolhida é a rejeição deste fato, pois acreditam que ele está lá encobrendo esta contradição. Passado um tempo, as crianças chegam à conclusão de que o pênis não é algo que pertence a todas as criaturas semelhantes a ela. Assim, concebe que a falta de um pênis é tomada como efeito de uma castração. A partir disso, Freud aponta para o complexo de Castração, o qual “só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração” (1923b/2006, p. 160). Neste momento, ele afirma que a forma como isto ocorre na menina é incognoscível. Supõe somente que é nesta fase que a menina compreende o fato de não ter um pênis como uma forma de castigo. Por isso, ela mereceu ser castrada.

Foi somente em 1924, ao escrever *A Dissolução do Complexo de Édipo*, que teremos, pela primeira vez, os diferentes cursos do desenvolvimento da sexualidade em meninos e meninas. Para ambos, após a dissolução do complexo edípico, há uma regressão seguida por um período que ele chamou de latência. Apesar de ainda não estar certo de como ocorreria a destruição deste complexo, ele dirá como ocorre nos dois sexos.

Freud hipotetiza que a ameaça de castração seria a responsável pela organização genital na fase fálica da criança. Ele afirma que ela só se dará conta da possibilidade de ser castrada quando uma nova experiência surge em sua vida. Assim, ele retoma o que havia descrito em *O Ego e o Id* (1923a) e relata que:

a autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital – afastou o perigo de sua perda – e, por outro, paralisou-o – removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança (1924/2006, p. 196).

Ele afirma que o processo acima descrito trata-se mais de uma repressão, pois há uma abolição do complexo, e conclui que aqui teríamos uma diferença entre o normal e o patológico, sendo que a ocorrência deste último se daria quando não se consegue ir um pouco além da repressão deste complexo, que se mantém de maneira inconsciente no Id e se manifestará mais tarde de forma patológica. Portanto, a destruição do complexo de Édipo ocorre pela ameaça de castração. Porém, o processo desta maneira descrito ocorreria somente em crianças do sexo masculino.

Apesar de ainda ter muitas dúvidas de como isto ocorre nas meninas, ele hipotetiza que nelas também há complexo de Édipo, assim como a formação de um superego e um período de latência. Haveria também uma organização dita fálica e o complexo de castração. Todavia, eles ocorrem de maneiras distintas. Nelas, a castração está posta como um fato consumado, diferente do que ocorre nos meninos, porque eles temem a possibilidade desta ocorrência.

Ele aponta que a renúncia por este pênis não ocorrerá sem de alguma forma ela buscar uma compensação, sendo que o equivalente que Freud assinala aqui para o pênis será um bebê. Assim, o complexo de Édipo na menina a leva a querer receber do pai um bebê como presente e, assim, dar-lhe um filho. Por conta deste desejo não se realizar, o complexo de Édipo é aos poucos deixado de lado.

Segundo Jones (1950/1989), desde que atendeu Dora, o interesse de Freud não estava voltado para a psicologia feminina. Somente passados 15 anos, ele publicou a respeito de um caso de paranoia feminina que 'ia de encontro com a teoria psicanalítica' (1915). O caminhar de Freud nesta direção se mostrou mais crescente ao publicar A Dissolução do Complexo de Édipo (1924), por ter obtido novas chaves sobre este assunto a partir de seus atendimentos clínicos. Todavia, onde isto ocorre com mais clareza é no artigo de 1925 que agora apresento.

Insatisfeito com aquilo que havia formulado para a dissolução do Édipo na menina, Freud concluiu, em agosto de 1925, o trabalho Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos. Nele, há uma revisão das concepções do desenvolvimento psicológico nas meninas. A obscuridade em relação à sexualidade feminina fez com que Freud por muitas vezes considerasse que o que ocorria na mulher era análogo às incidências no homem. Porém, aqui ele aponta o que constatou no caso feminino:

uma análise rigorosa desses próprios casos traz à luz algo diferente, ou seja, que aqui o complexo de Édipo tem uma longa pré-história e constitui, sob certos aspectos, uma formação secundária
(1925/2006, p. 280)

Freud acrescenta ainda:

(...) Seja como for, a zona genital é descoberta em alguma ocasião ou outra e não parece haver justificativa para atribuir qualquer conteúdo psíquico às primeiras atividades a ela vinculadas. O primeiro passo na fase fálica iniciada dessa maneira não é a vinculação da masturbação às catexias objetais do complexo de Édipo, mas uma momentosa descoberta que as meninas estão destinadas a fazer. Elas notam o pênis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis (1925/2006, p. 280).

Ele fala que ocorre uma diferença importante entre o comportamento dos dois sexos na constatação da ausência do pênis. Segundo Freud, a menina “faz seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (1925/2006, p. 281). A seu ver, isto proporciona uma ramificação no complexo e pode proporcionar algumas dificuldades no sentido do desenvolvimento da feminilidade. Ele explica que, para as meninas, o complexo de Édipo ocorre em uma formação secundária, sendo que o complexo de castração o precede e o prepara.

Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração. Essa contradição se esclarece se refletirmos que o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade. A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos

considerando é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada (1925/2006, p. 285).

Sobre os efeitos do complexo de Édipo nos meninos, ele aponta que:

o complexo não é simplesmente reprimido; é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas e, em parte, sublimadas; seus objetos são incorporados ao ego, onde formam o núcleo do superego e fornecem a essa nova estrutura suas qualidades e características. Em casos normais, ou melhor, em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego se tornou seu herdeiro (1925/2006, p. 285).

No caso das meninas, faltaria a razão para a queda do complexo de Édipo, uma vez que a castração já teve seu motivo de existir, que seria o fato de forçá-la na entrada do complexo edípico. A partir disso, ele formula que no caso delas haveria algo diferente.

Assim, esse complexo foge ao destino que encontra nos meninos: ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres (1925/2006, p. 286).

Ao final, ele afirma que:

não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a

encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto” (1925/2006, p. 286).

Em nota do editor no texto de 1931, *Sexualidade Feminina*, Jones afirma que este trabalho recapitula os achados de Freud postulados em *Algumas Consequências da Distinção Anatômica entre os Sexos* (1925), texto este que provocou repercussões entre os psicanalistas e instigou Freud a continuar pesquisando e escrevendo a respeito.

Há alguns aspectos que esta obra amplia em relação a anterior. Nesta, ele oferece uma nova ênfase, a partir de seu material clínico, quanto à intensidade e à duração da ligação pré-edipiana no caso das meninas à mãe. Ele aponta para o elemento ativo na atitude da menina em relação a sua mãe e na feminilidade como um todo.

Inicialmente, apresenta duas grandes dificuldades que se apresentam no campo da menina quanto ao desenvolvimento de sua sexualidade. Uma delas é o fato de que ela tem que abandonar o que fora sua principal zona erógena, o clitóris, e ir em direção a outra, a vagina. A segunda seria a troca de seu objeto original, a mãe, pelo pai. Ele aponta que deveria haver uma vinculação entre elas, mas que ainda não lhe era clara.

A partir dos casos clínicos que atendeu, Freud percebeu que dois fatos o impressionaram e eles diziam que, onde havia uma forte ligação da mulher ao pai, esta foi precedida por um período de ligação exclusiva à mãe, com apaixonamento e intensidades iguais. Depois, ele constatou que a duração desta ligação fora anteriormente subestimada, sendo que a fase pré-edipiana nas mulheres tinha uma importância que até aquele momento não havia sido atribuída por ele. O autor apresenta sua suspeita de que a etiologia da histeria poderia estar na longa duração de uma relação com a mãe, o que não pode ser tomado como surpreendente se avaliarmos que tanto esta fase quanto a neurose são caracteristicamente femininas.

Os efeitos do complexo de castração no menino e na menina são diferentes. Enquanto no caso dele a descoberta desta possibilidade, tal como provada pela visão dos órgãos genitais femininos, estabelece a transformação de seu complexo de Édipo e guia a criação de seu superego, vemos também que todos estes processos têm por finalidade fazer o indivíduo encontrar lugar na cultura. E ainda aponta que “é precisamente o interesse narcísico do menino por seus órgãos genitais – seu interesse em preservar o pênis – que é transformado numa restrição de sua sexualidade infantil” (1931/2006, p. 237).

Já no caso da menina, há o reconhecimento de sua castração por parte dela, a constatação da superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas há uma insubordinação de sua parte contra esse estado de coisas. Segundo Freud, isto a levaria a três caminhos: primeiro, a uma aversão generalizada da sexualidade. Segundo, aferrar-se com desafiadora autoafirmação à sua masculinidade ameaçada, que formaria um complexo de masculinidade, que poderia levar a uma escolha objetal homossexual manifesta. Terceiro, o que

ele chamou de 'atitude feminina normal', que seria tomar o pai como objeto, encontrando assim o caminho feminino do complexo de Édipo. Ele reafirma aqui que nas mulheres o complexo de Édipo não é destruído, mas sim criado pela influência da castração.

Desta forma, a fase pré-ediapiana é muito mais importante nas mulheres do que nos homens e nela devemos prestar atenção aos mecanismos utilizados ativamente para realizar o seu afastamento da mãe. Ele afirma que vê não somente um, mas diversos fatores operando em conjunto com a mesma finalidade.

Segundo Freud:

seja como for, ao final dessa primeira fase de ligação à mãe, emerge, como motivo mais forte para a menina se afastar dela, a censura por a mãe lhe ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher. Uma segunda censura, que não remonta tão atrás, é bastante surpreendente. É que sua mãe não lhe deu leite bastante, não a amamentou o suficiente (1931/2006, p. 242).

Mesmo oferecendo esta explicação, no seu ponto de vista, todos os motivos eram insuficientes para responder qual seria mesmo a hostilidade final da menina. Haveria uma inevitável ligação ambivalente entre mães e filhas. Esta ambivalência, correlacionada a outros fatores, conduziria a um afastamento da mãe. No caso dos meninos, há a manutenção de sua ligação com a mãe, pois eles têm a possibilidade de colocar toda a sua hostilidade voltada ao pai.

A partir disso, ele conclui que:

o fato de assim a mãe inevitavelmente iniciar a filha na fase fálica, constitui, penso eu, o motivo por que, nas fantasias posteriores, o

pai tão regularmente aparece como o sedutor sexual. Quando a filha se afasta da mãe, transmite também ao seu pai sua introdução na vida sexual (1931/2006, p. 246).

3.6. Freud: um pai morto; um pai simbólico

Temos aqui o final de uma longa trajetória para o pai da psicanálise. Em suas primeiras análises, as histéricas que a ele se dirigiam contavam sobre a sedução que haviam sofrido por parte de seus pais na infância. Na época ele acreditou nisto e tomou os traumas como originados de suas enfermidades. Reconheceu em 1897 que isto estava incorreto. Verificou o papel predominante da fantasia e a posição do pai passou a ser compreendida em sua porção simbólica.

Independente do gênero, vemos que a abertura para o pai é uma virada essencial. Como objeto de atração, personagem de deslocamento dos movimentos pulsionais, o pai encarna então a esperança de um desprendimento da situação de domínio ou das marcas profundas deixadas pela relação materna, e suscita potencialidades fantasmáticas visando à realização do desejo. O deslocamento ao pai em relação à mãe é o testemunho de uma mobilidade possível, de uma fragmentação da excitação que torna sua economia mais suportável.

Essa passagem inscreve os traços de um processo que, a partir da decepção com outro e da renúncia ao objeto de amor originário que ela impõe, engaja-se, utilizando-se da energia libidinal liberada, em um novo investimento. Essa mudança, sozinha, não é suficiente para garantir as capacidades de elaboração da angústia da perda do amor e da castração, mas é suscetível de abrir caminhos.

Podemos ver este percurso de identificação ao pai em toda a obra de Freud. Suas vinculações e desligamentos ligados a Charcot, Breuer, Fliess, Jacob Freud, Adler, Jung, Ferenczi (apesar destes três últimos não terem sido contemplados aqui neste texto pelo fato de corresponderem mais a posição de filho), possibilitaram a abertura para novos caminhos, todos distintos daqueles propostos pela medicina, pela teoria do trauma e da sedução e, também, da religião judaica. A possibilidade destes deslocamentos deu abertura para o surgimento da psicanálise e de Freud como o pai de uma teoria sobre o psiquismo, o desejo e o sofrimento humano.

Os limites encontrados na prática clínica de Freud foram todos ultrapassados com a construção de mitos. Foram eles que tornaram possíveis suas teorias e situaram, no lugar da realidade factual, a possibilidade da produção de um outro saber, de uma outra verdade. As formações do inconsciente, assim como as lendas e os mitos, portam uma verdade da qual os ditos psicanalíticos se constituem.

A última retomada e desenvolvimento de conceitos primordiais da teoria psicanalítica tais como o trauma, o recalçamento, o parricídio, o complexo de Édipo e o saber inconsciente, podem ser vistos na publicação dos três ensaios que compõem Moisés e o Monoteísmo (1939[1934-38]). Revela-se em torno da criação deste texto a relação de Freud, como pai da psicanálise, e as ameaças em torno de sua obra, que tanto estariam relacionadas com a proximidade da guerra como à debilidade de seu corpo por conta da reincidência de seu câncer.

Na publicação freudiana, o assassinato de Moisés se sustenta somente textualmente, a partir da leitura deslocada dos textos sagrados, procurando neles conteúdos não ditos, camuflados e distorcidos. Com isto, Freud

transforma o pai sacralizado em homem, toma-o como um personagem histórico, como um estrangeiro, levando-nos à concepção de uma etiologia humana de Deus. Ao mesmo tempo, por conta do assassinato, esta figura eleva-se a uma posição sublimada do pai, elevando-o à figura de um totem.

Resultado de anos de inquietações e dúvidas, apesar de todas as articulações que foram feitas na obra freudiana quanto ao pai, vemos em *Moisés* a correlação com o parricídio aparecendo quase que inalterada. Há aqui novamente o ato assassino como que condenado a se repetir, atuando como um recalcado que retorna e que está presente como parte de uma verdade. O ato do assassinato do pai é o centro da definição do que seria esta figura e de sua finalidade para o desejo de um sujeito. O pai é um pai morto, isto é, o sujeito só terá acesso a ele enquanto símbolo.

Com a morte do pai da psicanálise, sua obra e seus escritos ficaram para a posteridade e foram reutilizados e reavaliados por diversos pensadores. Suas produções encantaram Lacan, que sempre se intitulou um freudiano. Ao que ele queria dizer a respeito disso, podemos entender que se trata de manter vivos os conceitos de inconsciente, de que suas formações se apresentam como enigmas a serem decifrados e que expõe à nossa falta-a-ser.

Ao supor em Freud um saber inacabado sobre o psiquismo, Lacan não o equiparou a um deus que continha todas as respostas. Seus avanços foram possíveis ao não tomar teoria freudiana tal qual um dogma religioso. Ao realizar o verdadeiro posicionamento psicanalítico, que é o de manter os conteúdos em constante revisão, Lacan toma como referência os primeiros ensinamentos freudianos, seus conceitos a respeito do complexo de Édipo e avança quanto

ao papel da figura paterna e em relação aos mitos, formulando de forma mais independente quanto às suas próprias concepções.

II. Pai em Lacan

1. Os mestres de Lacan: alicerces para sua teoria

Antes mesmo do falecimento de Freud, estava clara sua contribuição para a humanidade, assim como o quanto ainda precisaria ser aprofundado e esclarecido a respeito das minúcias do sofrimento humano. O interesse por suas teorias ampliou-se em diversos campos de conhecimento e cada um deles adaptou os conceitos psicanalíticos à sua realidade, tentando dar conta, com este saber, daquilo que outrora fugia à compreensão.

Ao estudarmos o movimento psicanalítico internacional, é possível distinguir três gerações. No primeiro grupo, encontramos aqueles que foram tomados como discípulos do pai da psicanálise, que se reuniam com ele em Viena para analisar os casos e pensar a teoria. Estavam neste grupo Jung, Adler, Jones, Sachs, Abraham e Rank. A formação do segundo grupo ocorreu a partir de 1918. Seus membros foram pacientes de Freud e de seus discípulos. Representantes da IPA na década de 1930, a afeição maior ao movimento estava ligada não ao seu pai fundador, mas à organização em torno de sua linha de pensamento. Sua importância está no fato de que se tornaram símbolos de resistência do freudismo frente às barbáries ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial. A terceira geração foi a representante das grandes contestações acerca da obra de Freud. Ela fora instruída pelos membros da segunda geração, que foram exilados durante a Guerra.

Segundo Roudinesco (2008, p. 166), os ensinamentos de Freud tiveram maior abertura na França com um atraso de 15 anos quando comparado ao resto da Europa. Sendo assim, Lacan pode ser tomado como um membro da segunda

geração. Porém, se tomarmos o ponto de vista da história internacional do movimento, ele se enquadraria como membro do terceiro grupo.

É interessante averiguar que, no caso de Lacan, sua posição diante do retorno à teoria freudiana e, ao mesmo tempo, o questionamento que faz a respeito da obra (em um momento em que esta não poderia mais ser revista por seu criador) faz com que ele se encaixe nestes dois grupos. O retorno à Freud visando o fortalecimento de seus principais conceitos, aliado a uma reformulação do ponto de vista tópico, foram determinantes para a diferenciação de seu pensamento.

Conforme recapitulou Roudinesco (2008, p. 37), data de 1923 o momento em que Jacques Lacan teve seus primeiros contatos com a teoria freudiana e, por volta de 1930, começou a expor trabalhos que levavam em conta as descobertas psicanalíticas, aliadas ao saber psiquiátrico e a uma dita “atitude” surrealista. A entrada no freudismo foi simultânea ao seu primeiro encontro com Marguerite.

Lacan iniciou sua análise pessoal com Loewenstein no final de 1932. Nos quatro primeiros anos deste processo, ele não produziu nada relevante do ponto de vista psicanalítico. Segundo Roudinesco (2008, p. 107), é possível tomar este tempo como um período de latência, que culminou em uma interpretação da obra de Freud que possibilitava abertura para uma visão filosófica. A influência de seus mestres foi determinante para o que estava por vir em sua produção teórica.

Jacques Lacan foi filho de Alfred, um comerciante de mostarda que, por sua vez, sucedeu ao pai nos negócios, e neto de Émile (pela via paterna), por conta de quem veio a receber o mesmo nome e com quem tinha uma relação

extremamente conturbada. Este avô nunca fora perdoado por ele por conta da maneira como exercia sua paternidade, que rebaixava a condição de Alfred enquanto pai. Foi através dele que tirou a imagem de como seria um pai tirânico, que veio mais tarde influenciar em sua leitura do caso Schreber e que culminou na criação de dois grandes conceitos em sua teoria: a *forclusão* e o *nome-do-pai*.

Lacan recebeu diferentes influências iniciais de três grandes mestres em Psiquiatria: Georges Dumas, Henri Claude e Gaëtan Gatian de Clérambault. Os três tinham visões divergentes a respeito da psicanálise. Conforme listou Roudinesco (2008), o primeiro, titular da cadeira de Psicopatologia de Sorbonne, era totalmente contrário aos pensamentos psicanalíticos. Claude, chefe da Clínica de doenças mentais de Saint-Anne, apoiava-se na teoria freudiana para sua orientação clínica, apesar de pensar que, na sua visão, a psicanálise deveria adaptar-se à realidade francesa, para que esta não ferisse de maneira indelicada os sentimentos íntimos desta sociedade. A seu ver, precisaria de certa transformação de sua raiz germânica para se conformar com a realidade imaginária latina na qual a cultura francesa estava inserida. O último, Clérambault, era o chefe da enfermagem especial dos alienados da Chefatura de Polícia. Sua postura não era nem de condenar a psicanálise, como muito menos de solicitar desta certa adaptação à cultura francesa. Fora com este último que Lacan manteve uma relação de amor e ódio durante o período em que conviveram, até o suicídio de Clérambault em 1934. Fora com ele que extraiu uma visão diferenciada a respeito do atendimento clínico e da psicanálise.

Vemos que a confluência destas três referências e a visão de cada uma delas a respeito da psicanálise também abriu mais portas para que Lacan tivesse maior liberdade de pensamento, pudesse realizar releituras freudianas, subversões na prática e na teorização da clínica, que culminaram na abertura para uma nova linha de raciocínio no campo psicanalítico.

Além destes, as relações que estabeleceu, a partir de 1933, com outros pensadores de sua época, tais como Koyré, Kojève, Corbin, Heidegger, Lévi-Strauss, Hyppolite e, posteriormente, com Althusser e Derrida, apontam firmemente para a valorização que Lacan dava ao pensamento freudiano olhado sob o prisma da filosofia.

Com os ensinamentos filosóficos de Koyré, Lacan passou a compreender o sujeito da ciência moderna como aquele que estava pautado pelo cogito cartesiano, guiado pelos alicerces da verdade e da liberdade. O sujeito era visto como alguém livre e forçado à experimentação da verdade sem limites e sem apoio exterior, não estando pautado por qualquer figura de autoridade predeterminada (Roudinesco, 2008, p. 127).

Foi através dos ensinamentos adquiridos com Kojève, pautado por sua filosofia do saber e da racionalidade, que Lacan fez uma leitura diferenciada da obra de Hegel. Esta visão permaneceu por toda a sua vida e a maneira de ensinar deste mestre influenciou no modelo de transmissão oral de saber que formatou o modo como ele realizou os Seminários.

A publicação em 1949 de *Estruturas Elementares de Parentesco*, de Lévi-Strauss, influenciou a geração filosófica da época, incluindo Jacques Lacan. Nesta publicação, o autor possibilitou uma nova compreensão acerca da

proibição do incesto, o que reconduziu a organização de parentesco a um ponto nodal que possibilitava diversos particularismos.

Ao invés de procurar a origem da cultura em uma suposta abdição à prática do incesto, ele demonstrou que a universalidade da lei da proibição desta prática estava relacionada a uma concepção de trocas matrimoniais regulamentadas por algo que estava fora do alcance da consciência de cada sujeito. Haveria uma estrutura elementar, que permitia que somente fossem realizadas alianças semelhantes às que foram formadas por seus ascendentes. A partir de Lévi-Strauss, o que entendemos por complexo de Édipo passou a ser considerado por Lacan dentro de um escopo universal e simbólico. A proposta de Lacan se situou entre algo que propunha uma nova visão sobre o sujeito e o pensamento sobre a racionalidade humana, tomando esta como determinada por um inconsciente em conformidade com o que fora postulado por Freud.

Segundo Roudinesco (2008), vemos que com a segunda leitura de Lacan da obra de Saussure, já apoiada nos ensinamentos que obteve ao estudar os trabalhos de Roman Jakobson, ele se concentra em uma tradução deste saber alinhada com a escola de pensamento que tinha como princípio a ruptura com a fenomenologia. Seus fundamentos estavam em concepções estruturalistas, anti-humanistas e que tinham uma visão científica a respeito da psicanálise. Assim como ele, outros pensadores de renome, tais como Roland Barthes, Louis Althusser e Michel Foucault também sustentavam esta mesma compreensão, que era caracterizada como subversiva.

2. Visão sobre a constituição dos sujeitos e o declínio da imago paterna

A partir de 1936, apoiado nos ensinamentos de Koyré, Kojève e Henri Wallon, Lacan formulou sua teoria do sujeito. Ela foi apresentada por ele neste mesmo ano durante o Congresso em Marienbad. Apesar de ligada à concepção freudiana, ele fez seus acréscimos e tomou a operação psíquica, que levou o nome de Estádio do Espelho, como algo que não estava ligado à maturação psicológica ou ao progresso do conhecimento. Ele compreendia que a constituição do psiquismo se fazia possível via identificação com um semelhante. Assim, o estádio do espelho, para Lacan, seria a fonte antecipada do devir imaginário do eu. Sua representação enlaça a unidade do corpo humano à imagem antecipada fornecida pela figura materna.

Os estudos acerca da constituição psíquica dos sujeitos teriam outros desmembramentos após sua apresentação em Marienbad. A pedido de Wallon, ele escreveu, em 1938, dois artigos para a revista *Encyclopédie* que, mais tarde, foram compilados em um livro com o título *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo*.

Sua compreensão sobre os *complexos*, segundo Roudinesco, era a mesma empregada por Freud.

Tomada por Freud da escola de Zurique, a palavra complexo designava um conjunto de representações mais ou menos inconscientes. Lacan empregava-a num sentido freudiano. Tratava-se, para ele, de descrever uma estrutura em que predominava o fator cultural, em detrimento de uma fixidez instintual, e de induzir uma consciência do sujeito que intervinha na representação.

(ROUDINESCO, 2008, p. 202)

O complexo era oposto aos instintos e definia as três estruturas que contribuem para o desenvolvimento dos indivíduos, às quais levaram o nome de complexo do desmame, de intrusão e de Édipo. Mais tarde, elas ficaram relacionadas à tópica lacaniana dos três registros: real, imaginário e simbólico. Cabia ao terceiro complexo citado, o Edipiano, a permissão da entrada na relação triangular, marcada por uma determinada configuração familiar. Segundo Lacan, o complexo de Édipo teria o papel de sublimador da realidade:

É, com efeito, em virtude de uma identificação do sujeito com a imago do progenitor do mesmo sexo que o supereu e o ideal do eu podem revelar à experiência traços conformes às particularidades dessa imago. (1938/2008, p. 50)

Apesar de relatar e sustentar o pioneirismo freudiano quanto à definição deste complexo, Lacan propôs que a questão edípica fosse repensada levando em consideração o homem moderno, a moral conjugal e, além disso, algo que ele acompanhava e enxergava com certo pessimismo por verificar sua ocorrência com maior frequência, que dizia respeito ao declínio da imago paterna.

Um grande número de efeitos psicológicos nos parecem depender de um declínio social da imago paterna. Declínio condicionado pelo retorno de efeitos extremos do progresso social no indivíduo, declínio que se marca sobretudo, em nossos dias, nas coletividades que mais sofreram esses efeitos: concentração econômica, catástrofes políticas. O fato não chegou a ser formulado por um chefe de Estado totalitário como argumento contra a educação tradicional? Declínio mais intimamente ligado à dialética da família

conjugal, já que se opera pelo crescimento relativo, muito sensível, por exemplo, na vida americana, das exigências matrimoniais.

Qualquer que seja seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica. Talvez seja a essa crise que se deve relacionar o aparecimento da própria psicanálise (LACAN, 1938/2008, p. 59-60).

Lacan reconhece que o declínio do patriarcado poderia ser visto como uma carência da autoridade do pai que não tinha como ser evitada socialmente. A fonte do declínio do patriarcado estaria na transmissão seletiva do ideal do eu, que entrava na relação entre um filho e um pai.

O complexo de Édipo supõe uma certa tipicidade nas relações psicológicas entre os pais, e insistimos especialmente no duplo papel que desempenha o pai, enquanto representa a autoridade e enquanto centro da revelação sexual; é à ambiguidade mesma de sua imago, encarnação da repressão e catalisador de um acesso essencial à realidade, que relacionamos o duplo progresso, típico de uma cultura, de certo temperamento do supereu e de uma orientação eminentemente evolutiva da personalidade (Lacan, 1938/2008, p. 86).

O sintoma disto nas neuroses estaria no que ele chamou de “tirania doméstica” ou na “confiscação pela mãe” da autoridade sobre a família (ROUDINESCO, 2008, p. 206). Lacan enxergava nestas posições um protesto por parte das mulheres visando uma postura viril, dando predominância ao que era pautado pelo masculino, abrindo para uma feminização da sociedade ocidental e consequente declínio da figura paterna.

Ele foi a favor da defesa dos valores familiares tradicionais e afirmou que somente as famílias com estruturação burguesa e de dominância patriarcal

poderiam garantir a liberdade social. É curioso averiguar que, por mais que demonstrasse ter aversão e tivesse sofrido o jugo desta estruturação familiar, dava a esta um valor emancipador, pelo fato da tradição poder vir a favorecer o progresso.

Pode-se ver no fato do protesto viril da mulher a consequência última do complexo de Édipo. Na hierarquia dos valores que, integrados às próprias formas da realidade, constituem uma cultura, a harmonia que ele define entre os princípios masculino e feminino da vida é uma das mais características. As origens de nossa cultura estão demasiado ligadas àquilo que chamaríamos, de bom grado, de a aventura da família paternalista, para que ela não imponha, em todas as formas com que enriqueceu seu desenvolvimento psíquico, uma prevalência do princípio masculino, cuja parcialidade pode ser medida pela força moral conferida ao termo virilidade (1938/2008, p. 93).

Na visão de Lacan, a psicanálise, principalmente pelo fato desta ter nascido em meio a uma crise na sociedade ocidental, estava jurada a pensar a desordem mundana como oriunda da desorganização da consciência. Seu esclarecimento e sua concepção a respeito deste ponto só surgiram 15 anos mais tarde. Para chegar até eles, Lacan sofreu influências significativas de dois pensadores de sua época: Lévi-Strauss e Jakobson. A partir deles, Lacan fez, em duas etapas, a teorização do inconsciente em termos de estrutura, o que será averiguado mais adiante.

Cabe pontuar que alguns eventos pessoais da vida familiar de Lacan e, mais particularmente, sua posição enquanto pai, foram decisivos para que houvesse uma nova leitura da psicanálise. Estes eventos culminaram na autorização dele

próprio em proferir aquilo que averiguava em sua clínica, estabelecer uma nova técnica, o que forneceu *nomes ao pai*.

3. Autorização para ser pai: abertura para a nomeação

Data da apresentação que levou o nome “O simbólico, o imaginário e o real” a primeira aparição da expressão *nome-do-pai*, que na época ainda não era um conceito propriamente dito. Sua teoria sobre este conceito, que passará com o tempo a ser um dos representantes da doutrina lacaniana, foi fundamentada no drama vivido por ele durante o período da guerra.

Casado com Marie-Louise Blondin (Malou) e pai de dois filhos frutos de seu relacionamento com ela, Lacan vivia uma vida amorosa paralela com Sylvia Bataille. Estabelecia assim com sua esposa e seus filhos uma relação repleta de não ditos e equívocos. O estopim para a solicitação de divórcio por parte de Malou, à época com uma gestação próxima da conclusão, veio com a comunicação, por parte de Lacan - a propósito muito feliz e radiante - de que seria pai novamente e de um filho de Sylvia.

Malou sustentou a imagem de Lacan como um bom pai para seus filhos. Segundo Roudinesco (2008), ela inventava histórias de que ele estaria viajando, trabalhando muito, quando na verdade ele estava com sua outra família. Ela não contou a seus filhos sobre o divórcio. Escondeu deles a verdade na crença de que isto estava lhes faria um bem. Lacan, por sua vez, foi conformista com a situação e embarcou complacentemente nas justificativas dadas por sua ex-esposa.

Em julho de 1941 nasce Judith Sophie. Biologicamente, era filha de Jacques, porém a criança não poderia receber o nome do pai por conta das

circunstâncias em que o casal parental estava imerso. Sylvia não estava divorciada de Georges Bataille apesar de ter se separado dele em 1934. Lacan estava preso a um ideal de família tradicional, mesmo tendo repudiado este estilo com veemência. Além disso, a justiça proibia o reconhecimento de filhos nascidos com outras mulheres que não fossem com aquela que era casado. Vemos com este cenário que estamos diante de um pai que não poderia transmitir seu sobrenome a um de seus filhos.

Passados doze anos do nascimento da menina, em 1953, Jacques casa-se com Sylvia. Quando sua nova esposa passa a adotar o sobrenome Lacan, sua filha passou a ser, de forma legal, a enteada de seu pai biológico. A possibilidade de transmitir seu sobrenome à Judith só pôde ocorrer após a morte de Georges Bataille em 1962. Segundo Roudinesco (2008), Jacques entrou com um processo na justiça para que a moça pudesse então trocar seu sobrenome. O curioso dessa história é que ela se tornou Judith Lacan no mesmo dia em que Jacques anunciou sua “Excomunhão” da IPA e no qual também acabou por fundar *sua* escola “freudiana”.

O que levou à perda da função de didata pela IPA (portanto, não poderia mais realizar os seminários) e sua consequente excomunhão desta entidade foi a situação em que se encontrava sua prática, também realizada de forma “clandestina”, uma vez que não seguia os preceitos da associação com a qual era filiado.

Esta situação já ocorria por muitos anos seguidos e sua posição ficara cada vez mais insustentável por conta das críticas que sofria sobre sua maneira de conduzir as análises e por não se curvar diante das regras impostas pelo grupo. Lacan tentou escapar deste jugo de algumas maneiras e uma delas foi

fundar e se filiar à SFP, em 1953, um mês antes do casamento com Sylvia. Sua última tentativa de se manter ainda vinculado à IPA se deu ao comparecer no Pré Congresso de Londres em 1963, no qual buscou, através de seu discurso, legitimar sua doutrina e sua prática.

Seus esforços foram inúteis. Exprimindo-se em inglês, buscou explicar aos membros da IPA que estavam presentes qual era sua concepção de divisão do sujeito e lugar de objeto. O momento chave desta fala foi que, ao tentar traduzir sua noção de “resto” e solicitar a ajuda dos ouvintes, ninguém o fez. A partir disto, deixou a sala. Um mês após seu discurso, a partir das diretrizes elaboradas no Congresso de Estocolmo, ele recebe a notícia de seu banimento da IPA como didata. Neste mesmo documento também foram excluídos todos que praticavam a psicanálise a partir dos fundamentos de seus dissidentes (junguianos e adleristas, por exemplo). Naquele mesmo ano, ele daria início ao seminário que levaria o título de *Nomes-do-Pai*. Este assunto só fora retomado anos depois, no seminário XVII sobre “o avesso da psicanálise”.

Com a saída da SPP, depois da SFP com sua excomunhão e a fundação da escola *freudiana* de psicanálise, ele não só continua a reconhecer Freud como o fundador do campo psicanalítico, como o toma como seu principal interlocutor. Na visão de Roudinesco (2008), elaborar estes fatos reais que se apresentaram em sua vida em sua própria análise possibilitaram a ele novas costuras simbólicas. Ela compreende também que, da mesma forma, o casamento com Sylvia e a proibição para transmitir à sua filha seu nome, sua marca simbólica, também revelam aprofundamentos e influências em sua perspectiva quanto à figura e função de pai.

Segundo Roudinesco (2008), por conta das recordações de seu irmão mais novo, Marc-François, temos hoje ciência da etiologia do conceito *nome-do-pai*. Na visão dele, a origem pode ser encontrada no lugar em que o avô deles, Émile Lacan, ocupava na linhagem familiar. Ao seu ver, Jacques recriminava a atuação tirânica deste frente a seu pai por esta ter contribuído para que ele não tivesse aptidão para o exercício da função paterna. Apesar de afetuoso e disposto, ele não se interessou pela intelectualidade de Jacques e sua visão a respeito de seu primogênito, por influência da educação e da visão de Émile, o fazia vê-lo como alguém “volúvel e irresponsável” (ROUDINESCO, 2008, p. 389).

Na concepção de Roudinesco (2008, p. 383) foi baseado nessa figura enfraquecida de seu pai que Lacan falou sobre o “declínio inelutável da imago paterna na sociedade ocidental” (ROUDINESCO, 2008, p.389) e, ainda, utilizou esta referência também para criar nos anos de 1953 e 63 um sistema estrutural que tinha como base a revalorização da função do pai como simbólica e para representar o conceito de *nome-do-pai*.

Porém, através da leitura de Erik Porge (1998) sobre o conceito Nome-do-Pai, vemos que a visão de Roudinesco (2008) pode ser tomada como tendenciosa ou superficial. Porge demonstra o denso e longo percurso que tal conceito teve na obra de Lacan, não deixando de levar em consideração as correlações com acontecimentos teóricos e institucionais de sua vida.

Veremos mais adiante como este caminho se deu a partir da releitura que fizera dos textos de Freud e seus acréscimos inovadores, mas podemos já adiantar que a entrada deste termo na teoria lacaniana data do Seminário III, sobre as psicoses, conceito este que vem ajudar na compreensão sobre o caso

Schreber, que modificará a abrangência que o significante terá na teoria psicanalítica. No seminário seguinte, sobre A Relação de Objeto, Lacan questiona sobre o que seria um pai e o coloca como um termo de referência, o qual deveria ser enxergado em suas porções imaginária, simbólica e real. Neste momento, o Nome-do-Pai encontra-se associado ao pai simbólico. No próximo seminário, sobre As Formações do Inconsciente, Lacan afirma que não há como conceber o Édipo sem levarmos o pai em consideração, tomando a função deste como essencial.

Porge ainda aponta para o hiato existente na teorização do Nome-do-Pai, que ocorreu entre o Seminário V As formações do Inconsciente, e o momento em que se deterá a falar sobre o assunto novamente, em 1963.

Cinco seminários separam As Formações do Inconsciente do seminário de 20 de novembro de 1963: O Desejo e sua interpretação, A ética da psicanálise, A transferência, A identificação, A angústia. Este período cobre aquele do questionamento da IPA, iniciado em julho de 1959, com a demanda da adesão da SFP, e culminará com a condenação de Lacan. Nenhum destes seminários aborda de frente o Nome-do-Pai (a não ser por algumas poucas exceções) ou o ternário pai simbólico, imaginário, real. Não há um grande comentário de um caso de Freud. Aparentemente o Nome-do-Pai não está no centro das preocupações de Lacan. E, no entanto... As abordagens laterais, ou sob forma de incisões, que sobrevêm importam muito. (PORGE, 1998, p. 45)

Vemos que com o seminário interrompido de 1963 se estabelece um marco zero na obra lacaniana. Ao sacrificar seu seminário, a ausência de seu

pronunciamento instaura um buraco que permite que outros hiatos possam ser trazidos à tona. Esta falta, com teor estruturante, faz com que Lacan possa nos anos seguintes avançar em sua teoria. Segundo afirmou Porge:

No correr dos anos parece que este seminário não-dito toma um lugar particular, aquele de sustentar uma enunciação de Lacan sobre o Nome-do-Pai que seja de ordem do semi-dito. A coisa se mostra tanto mais pertinente porque tudo não é dizível na natureza do Nome-do-Pai (...) Não se trata somente de uma falha em falar do Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai é ele mesmo apresentado como o nome de uma falha; a falha faz parte do Nome-do-Pai (1998, p. 111).

4. O estabelecimento de um novo mito e as costuras simbólicas de um pai autorizado

Segundo Sales (2010), nos primeiros anos da década de 1950, temos o início de um movimento proposto por Lacan que objetivava um “retorno a Freud”. Os textos desta época demonstram uma modificação na conceituação do inconsciente, que claramente vinha sob influência do pensamento de Lévi-Strauss.

Segundo França (2007), Lévi-Strauss, em sua publicação de 1949, propõe pensar sobre a proibição do incesto tirando-a do campo da natureza e colocando-a na perspectiva cultural, estruturando-a no mesmo patamar da comunicação. Conforme salientou:

A passagem da natureza para a cultura que determina as relações humanas, que organiza as estruturas elementares do parentesco, é regida por uma lei que é idêntica à ordem de linguagem: imperativa em suas formas, mas inconsciente em sua estrutura, como

afirma Lacan. O sujeito fala sem saber como fala, o homem não tem consciência da forma como articula os fonemas, da utilização que faz das regras de linguagem, assim como nas escolhas para formar aliança e seu valor simbólico. Essas escolhas são regidas pelo interdito, por uma lei que não é consciente (FRANÇÓIA, 2007, p. 95).

Ao tomar a cultura como um sistema simbólico que comporta regras que ordenam o meio, Lévi-Strauss fundamenta que os acontecimentos da vida social também podem ser compreendidos da mesma maneira que os fatos linguísticos. Desta forma, ele toma a relação de parentesco como um sistema de trocas, que seriam semelhantes as que ocorrem no campo da comunicação e em seus sistemas linguísticos.

Ao anunciar sua concepção de que o sujeito é determinado por uma ordem simbólica, tomando a linguística como modelo estrutural e a antropologia levistraussiana como base quanto ao que dizia respeito da proibição do incesto, temos o nascimento do “Lacan estruturalista”, o que provoca uma diferenciação significativa em sua teoria, passando a compreender o deparar da quebra original do sujeito como algo que é inelutável no campo de uma neurose.

E, se o simbólico é o que permite a instauração e ordenação da cultura separando o homem da sua condição natural e inscrevendo-o no registro da linguagem à maneira de uma lei que estabelece a interdição do incesto, o que em psicanálise é chamado de Complexo de Édipo – esta estrutura que organiza as relações e a escolha sexual – a ordem simbólica cria o possível das relações do homem com seu mundo. Portanto, por ser a exterioridade do símbolo o que Lacan compreende

como constituinte do sujeito e o próprio inconsciente, é possível entender o que quer dizer o inconsciente ser o discurso do outro. Esse discurso do outro, um discurso que vem desta constelação simbólica e que marca todos os eventos da vida de um sujeito (FRANÇÓIA, 2007, p. 96).

A visão de Lévi-Strauss sobre a determinação dos sujeitos permitiu que Lacan entendesse que se tratava de uma *função simbólica* o que ordenava inconscientemente a pluralidade das situações específicas de cada um. A partir disto, estruturou esta função como um mito e pôde valorizar uma leitura mais racional e científica do legado freudiano.

Françóia faz um apontamento importante quanto a esta nova concepção lacaniana e sua relação com a teoria freudiana.

Do simbólico ao significante, a teoria lacaniana, até o momento em que lidamos com ela, apresenta um campo estruturado por elementos da vida de um sujeito que o constituíram enquanto sujeito desejante e que revela sua relação intrínseca com a linguagem, que é a possibilidade para o inconsciente. Essa ordenação teórica, Lacan a fez falar a partir de Freud, independentemente de Freud (Françóia, 2007, p. 100).

A teorização que tinha como fundamento a “valorização ortodoxa do freudismo” (ROUDINESCO, 2008, p. 290) veio em 1952, ao expor durante uma conferência no Colégio Filosófico o que ele chamou de “Mito Individual do Neurótico *ou* Poesia e Verdade na Neurose”. Nela, estabeleceu uma correlação entre o que Freud publicou a respeito do caso conhecido como “Homem dos

Ratos” com a autobiografia de Goethe, que tem o título “Poesia e Verdade”. Nesta apresentação ele retoma a temática do estádio do espelho, o declínio da imago paterna e repensa a estrutura edípica que, ao seu ver, deveria ser analisada como um mito composto por um sistema quaternário e não triangular. O quarto e novo elemento que estaria presente neste sistema seria a experiência da morte, enraizada a todas as manifestações das vivências humanas, em especial nas do neurótico. Este seria o trágico da condição humana que Freud havia enunciado.

o sujeito tem sempre uma relação antecipada com sua própria realização, que o lança de volta ao plano de uma profunda insuficiência e revela nele uma rachadura, um dilaceramento original, uma derrelição, para retomar o termo heideggeriano. Por isso é que em todas as suas relações imaginárias o que se manifesta é uma experiência de morte. Experiência sem dúvida constitutiva de todas as manifestações da condição humana, mas que aparece muito especialmente na vivência do neurótico (LACAN, 1952/2008, p. 39).

Para Lacan, a morte aparece como um elemento mediador, porém ela não precisa ser concretizada para ter seu efeito. Ela pode ser imaginada.

Com efeito, é da morte, imaginada, imaginária, que se trata a relação narcísica. É igualmente a morte imaginária e imaginada que se introduz na dialética do drama edipiano, e é dela que se trata na formação do neurótico – e talvez, até certo ponto, em algo que vai muito além da formação do neurótico, a saber, a atitude existencial característica do homem moderno (LACAN, 1952/2008, p. 43).

Portanto, o que Lacan conceitua como *Mito Individual do Neurótico* diz respeito a uma complexa estrutura pela qual cada sujeito está vinculado a uma rede preestabelecida, na qual é possível a permutação e a repetição de elementos a cada geração que lá estão como um memorial da história de seus ancestrais. Portanto, o homem invariavelmente se depara com o declínio dos ideais da família paterna.

Ao estabelecer um sistema estrutural, ele concebeu sua primeira tópica, composta por três registros: simbólico, imaginário e o real. Ao simbólico, Lacan relacionava o que havia extraído da elaboração do pensamento de Lévi-Strauss, tomando o inconsciente como um lugar de mediação que se assemelhava ao significante no registro linguístico. Quanto ao registro imaginário a ele estava relacionado o que dizia respeito à construção de um Eu. Em relação ao último, ao Real, ele estaria vinculado ao que Freud denominou como *realidade psíquica*. Porém, a diferença estaria no fato de que o real de Lacan estaria ligado um resto. Segundo Roudinesco:

ali onde Freud construíra uma realidade subjetiva fundada na fantasia, Lacan pensava uma realidade desejante excluída de toda simbolização e inacessível a todo pensamento subjetivo: sombra negra ou fantasma que escapa à razão (2008, p. 296).

A comunicação sobre isto marcou o ensino público de Lacan e se deu através de uma intervenção feita por ele próprio em 1953 que precedeu seu Discurso de Roma, que dizia a respeito da “função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”.

O pronunciamento de Lacan na conferência dos Psicanalistas de Língua Romana, intitulado como Discurso de Roma, pode ser considerado como a

carta magna, representante de um importante momento na história das Sociedades e Associações psicanalíticas da França, que expunha teses contrárias à ortodoxia da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

Pouco tempo após sua renúncia da presidência da SPP e de ter participado da fundação da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), pronunciar-se nesta conferência tinha o objetivo de defender o legado freudiano e o retorno ao que ele havia postulado. Isto, em sua visão, só poderia ocorrer quando houvesse o reconhecimento da linguagem como ponto central e quando este estivesse identificado ao campo da psicanálise. Tomá-la como elemento da experiência psicanalítica era reconhecê-la como material constituinte do homem.

Na concepção de Lacan, o retorno a Freud só seria bem sucedido se o inconsciente fosse tomado como estruturado como a linguagem e como sendo o “discurso do outro”. Uma vez estabelecida sua correlação com o padrão científico fundado pela linguística estrutural, a psicanálise poderia ser reconhecida dentro do rigor legítimo da ciência moderna. Desse modo, a tarefa dos psicanalistas seria a de mostrar que seus conceitos somente teriam sentido integral quando orientados pelo campo da linguagem, ordenados também com a função da fala.

Segundo Sales (2004), o essencial do Discurso poderia ser visto da seguinte maneira:

a estrutura da linguagem, sendo o próprio inconsciente, se articula na fala do sujeito que, em sua historicidade e finitude, entra, com o psicanalista, num processo de troca dialética que se direciona para a verdade de seu desejo (2004, p. 50).

Conforme afirmou Roudinesco (2008, p. 384), depois de ter realizado o Discurso de Roma, ficou estabelecida uma primeira conexão entre a linguagem, a fala e o sujeito, baseados nas estruturas elementares de parentesco. Logo, ele se colocou a teorizar, sob um fundo lógico, quanto à questão da relação entre significante e sujeito.

Temos com o Discurso a fundamentação do que podemos chamar de “estruturalismo lacaniano” (ROUDINESCO, 2008), sustentado pela ideia de que a liberdade humana pura era fruto da consciência que o sujeito pode ter de não ser completamente livre, por conta de suas determinações inconscientes.

Conforme apontou Sales:

Com a leitura estruturalista, o Édipo deixa de ser uma cena da família burguesa para dispor – em termos das relações primárias de passagem de um vínculo dual para as possibilidades metonímicas do desejo – o paradigma da entrada do ser humano na linguagem. A obra de Lévi-Strauss pavimenta o caminho não apenas para a admissão da operacionalidade do inconsciente mediante a própria noção de estrutura, como também para a hipótese de que sua incidência mesma requer a presença de uma Lei restritiva no campo sexual (Sales, 2008, p. 210).

5. Complexo de Édipo revisitado: da função do pai ao Nome-do-Pai

Amparando-se nas obras de Freud, Lacan começou a articular, a partir de 1958, noção do pai e do complexo de Édipo, sob a configuração de uma implicação lógica.

Conforme afirmou Lacan (1957-58/1999), a existência e o recalçamento dos desejos infantis pela mãe, que sempre estiveram presentes, propiciaram a análise destes conteúdos e levaram a uma série de questionamentos clínicos.

Com isto, fora visto que “o que o inconsciente revela, no princípio, é, acima de tudo, o complexo de Édipo” (LACAN, 1957-58/1999, p. 167). Sua função essencial é a de fazer com que todos nele inscritos entrem em uma determinada norma, no caso, a da proibição do incesto.

Cabe ao pai o papel normativo, sendo que não é possível pensar as questões edípicas sem levá-lo em consideração. “Não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai” (LACAN, 1957-58/1999, p. 171). Esta figura está aí para colocar em cena uma proibição. O pai coloca em cena a mãe como objeto dele e não do filho, frustrando-o em sua posse (Lacan, 1957-58/1999, p. 178).

Neste contexto, alguns pontos são importantes de serem elucidados antes de aprofundarmos nas questões do Édipo e na função do pai. Primeiramente, é preciso fazer uma distinção quanto ao pai normativo e o pai normal. Independente de sua normalidade, o que está em jogo para Lacan é seu papel normatizador no complexo familiar e, ao falarmos de sua carência na família (ausência física, por exemplo), isto não necessariamente significa uma carência deste no complexo.

Segundo Dör (1991),

Continuando a circunscrever a incidência do pai no complexo de Édipo, Lacan se esforça então por especificar, não mais os infortúnios inerentes a sua ausência, mas, mais precisamente, a influência induzida pelas eventualidades de sua presença – a famosa carência paterna (Dör, 1991, p. 44).

Esta carência, por sua vez, está para além da dimensão realista. Lacan ainda salientou que “nunca se sabe em que o pai é carente” (1957-58/1999, p. 173).

A contribuição da visão de Lacan para a compreensão do complexo edípico está em entender a fase edipiana como uma passagem que se dá da natureza à cultura tendo como base o primado da linguagem. Nela visualizamos que o polo paterno ocupa um lugar de suma importância na estruturação histórica dos sujeitos. O que fora entendido como função do pai inicialmente passou a ser tomado como uma função simbólica do pai. Para ele, o pai no complexo de Édipo não é um objeto real ou ideal. O pai é tomado aqui dentro da ordem do simbólico como uma função. O pai é uma metáfora (Lacan, 1957-58/1999, p. 180). Portanto, o lugar reservado a ele é de ser um significante que supre o primeiro significante introduzido na simbolização, que é o significante materno. A partir do momento em que o pai entra como substituto da mãe como significante é que temos seu efeito metafórico.

De que se trata na metáfora paterna? Há, propriamente, no que foi constituído por uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe. Veremos o que quer dizer esse no lugar da, que constitui o ponto axial, o nervo motor, a essência do progresso representado pelo complexo de Édipo (Lacan, 1957-58/1999, p. 186).

Dör acrescenta que:

ficando fora do circuito da relação mãe-filho, o pai real não pode, então, pretender de maneira alguma assumir sua função simbólica. E isso acentuado pelo fato de que o filho, enquanto objeto suscetível de satisfazer o desejo da mãe, está nesse momento identificado ao seu falo. Ora, vimos que esta função simbólica só tinha um caráter

operatório na medida em que o pai se achasse investido da atribuição fálica (1991, p. 46).

Assim, a atribuição de um valor fálico ao pai revela que existe um objeto que representa um algo a mais, que tem um lugar privilegiado na ordem simbólica e que permitirá um acesso ao objeto de desejo. A ligação entre o pai e o falo ocorre metaforicamente e não por uma simples simetria.

Portanto, neste momento, Lacan expõe que quando estamos às voltas com o pai no Édipo, não estamos levando em conta sua dimensão sociológica. Sua realidade está atrelada ao que ele transformou em conceito posteriormente, que ficou conhecido como *Nome-do-Pai*.

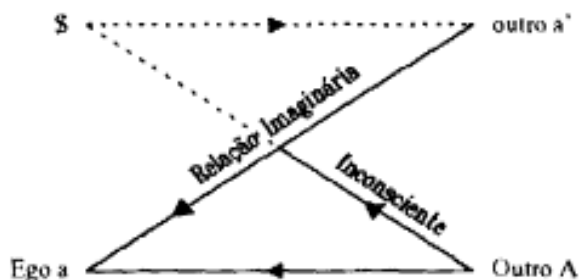
O estabelecimento deste conceito só foi possível uma vez que a psicanálise se associava à teoria do significante. A função de ser pai, segundo Lacan, só poderia ser pensada levando em conta esta teorização. “A posição do Nome-do-Pai como tal, a qualidade do pai como procriador, é uma questão que se situa no nível simbólico (...) é uma necessidade da cadeia significante” (1957-58/1999, p. 187).

Para chegarmos a esta teorização será preciso investigar duas maneiras importantes de representação de sua teoria, conhecidas como *esquema L* e *esquema R*. Veremos que em relação ao complexo de Édipo teremos sempre três pontos marcantes em torno dos quais ele circula: em relação ao supereu, à realidade e ao Ideal do eu. Isso será levado em consideração em cada um dos esquemas.

5.1. Esquema L ou sobre a “estática do sujeito”

Em maio de 1955, Lacan ilustrou seus procedimentos tendo como referência o conto A Carta Roubada, de Edgar Allan Poe. A Carta Roubada pode ser vista como uma parábola que diz respeito ao conjunto de suas teses. Nesta oportunidade ele apresentou o que chamou de Esquema L, também denominado por seu criador como “estática do sujeito” e considerado como um dos pilares de sua teoria.

É através dele que Lacan apresenta a estrutura do sujeito, torna-a visível e esclarece como um pode se relacionar com um outro. Nesta representação temos a articulação de quatro extremidades: o S, que seria o *Id* ou "s" de sujeito ou sujeito do inconsciente; o ego, a; o pequeno outro, a', e o grande Outro (A).



Segundo Lacan, a caracterização do eixo a-a', denominado como imaginário, representa a constituição do Eu no chamado Estádio de Espelho e diz respeito à relação entre o Ego e o semelhante (a'). Por sua vez, este eixo cruza com um outro, denominado como Simbólico, que se dá na relação entre o Sujeito (s barrado) e o Outro (A). A vetorização do gráfico acima indica a constituição do Sujeito pelo Outro e o Eu pelo semelhante, como uma imagem que vem do outro.

Kaufmann (1996) afirma sobre a possibilidade de reconhecimento de três modalidades de relação no esquema L. A primeira, concebida no trajeto S-a-a',

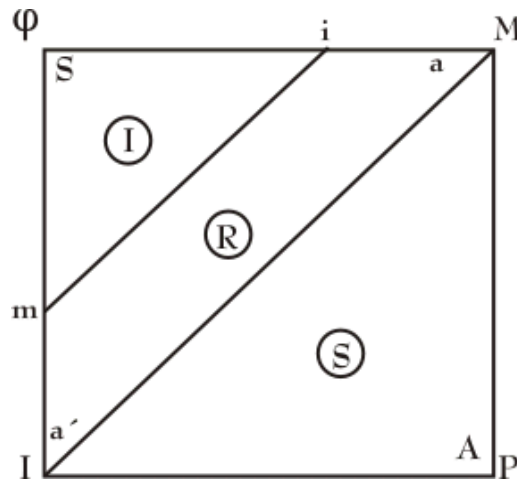
seria uma relação que poderia ser chamada de imaginária. Nela, o sujeito se dirige ao seu outro eu e recebe em retorno uma imagem de si mesmo. A segunda, caracterizada pelo percurso A-a', indica que o Outro simbólico é o que origina e legitima a existência da imagem daquilo que chamamos de Eu. A terceira, esquematizada a partir do trajeto A-S, constitui o inconsciente e diz respeito à determinação do sujeito pelo simbólico.

Lacan utiliza este esquema para fundamentar sua afirmação de que o inconsciente é estruturado como a linguagem. Ao demonstrar o funcionamento do inconsciente, ele apresenta um sujeito que não seria dono daquilo que diz por conta de haver um bloqueio, uma barra ou recalque que separa de maneira radical significado e significante.

Assim, vemos que não conseguiremos nunca chegar ao sentido que definiria completamente um significante. Da mesma maneira, a carta tem vários destinatários e ao mesmo tempo nenhum e, além disso, seu teor jamais é alcançado. Não há decifração total possível uma vez que a carta simboliza uma ausência, assim como o falo. Esta ausência, quando positivada, é coordenada pelo que ele chamou de *nome-do-pai*.

5.2. Esquema R e o Nome-do-Pai

Oriundo de um aprofundamento do L, o esquema R foi elaborado por Lacan para evidenciar como se dá a constituição e a estruturação dos três registros essenciais nos sujeitos. Vemos abaixo sua configuração completa.



O esquema R representa o lugar para uma criança em relação ao Ideal do Eu e a união dos planos simbólico e imaginário. Ciente da profundidade desta criação e daquilo que havia transmitido oralmente no Seminário sobre as psicoses durante os anos de 1955 e 1956 - sem contar sobre seu temor em ser plagiado - Lacan escreveu um texto que sintetizava o que ele havia passado a seus alunos. Sua publicação veio no quarto número da revista *la Psychanalyse*, também dedicado às psicoses.

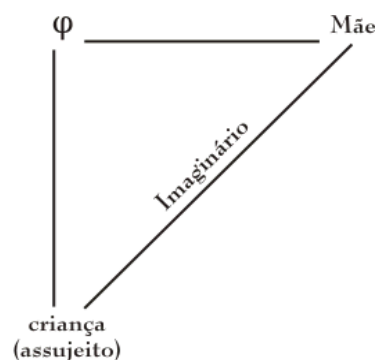
Publicado em 1958, foi em *De uma Questão Preliminar a todo Tratamento Possível da Psicose* que Lacan expôs o esquema R. Simultaneamente, ele trabalhava a questão da metáfora paterna no seminário designado para falar sobre as Formações do Inconsciente. Suas considerações sobre este tema serão apresentadas durante a elucidação do esquema R.

Primeiramente, Lacan aponta que este esquema é formado a partir de três planos. O primeiro foi denominado como triângulo imaginário, no qual verificamos elementos homólogos aos da tríade significativa presente no simbólico, que estão localizados em relação ao significado, porém, neste caso, ficam do lado onde está o sujeito. Os três termos que aqui encontramos, a saber, o falo, a imagem especular e o eu, representam as imagens que

possuem papéis norteadores. O segundo representa a faixa do real, que será mais bem descrita adiante. É no terceiro, denominado de triângulo do simbólico, que encontramos a tríade de fundações significantes do sujeito, tomando I como Ideal do Eu, M como significante do objeto primordial e P, que representa a posição do Outro (A) do *nome-do-pai*. Ou seja, com isto, ele quis demonstrar três significantes com os quais seria possível a identificação do Outro no complexo de Édipo (Lacan, 1957-58/1999, p. 557).

A união entre o simbólico e o imaginário é demonstrada neste esquema através da articulação entre os elementos presentes no vértice do triângulo imaginário, ou seja, o falo, e no que está presente naquele que representa o simbólico, isto é, o pai. O falo se encontra em posição similar a do Nome-do-Pai no vértice dos triângulos. Assim, ele demonstra que a conexão entre estes elementos ocorre metaforicamente. Isto faz com que tenhamos a correlação entre a imagem fálica (no plano imaginário) e o significante (no plano simbólico).

Traduzindo estes termos para analisarmos o lugar para uma criança em relação ao Ideal do Eu, verificamos a seguinte configuração.



Inicialmente, a relação entre mãe e filho é estabelecida no campo imaginário, o que proporciona uma indistinção fusional entre estes dois seres, uma vez que a criança fica alienada ao desejo de sua mãe que, por sua vez, está identificada com seu falo. Aqui a criança se encontraria em uma posição nomeada por

Lacan de *assujeitamento*, por conta de estar profundamente atrelada ao capricho daquele com o qual ela está dependente, no caso, a mãe.

O lugar no qual era possível referenciar a criança como um sujeito ficará vago e possibilitará a entrada de uma outra representação, que terá como marca esta relação inicial estabelecida entre a mãe e o bebê. Ficará neste plano a representação imaginária do próprio eu-*moi*, acima representado por (m), indicando o eu enquanto alienado ao desejo do outro. No lugar da mãe, teremos assim a representação imaginária do objeto de desejo tomado como fundamental. Damos a este o nome de *imagem especular* (i). Ao novo lugar ocupado pela criança teremos o “ideal do eu”, aqui representado por (I), que indica o sujeito que deve buscar ser, que é constituído em correlação com a figura paterna.

O complexo de Édipo começa a se configurar uma vez que há a permissão da entrada da figura paterna nesta relação fusional. A criança passa a se dar conta do interesse da mãe por outras coisas, o que indica que ela não é aquilo que completa o outro. Este para além da criança é representado pela figura do pai.

Uma vez não mais identificada ao que garantiria uma relação de completude com a mãe, a criança deixa de se identificar com o falo, que circula na relação e passa a ser correlacionado ao pai, pois ele é quem representa o movimento do desejo materno.

Segundo Dör (1991), será com este novo encaminhamento do objeto fálico que iniciará um tempo crucial no complexo de Édipo. Neste, a instância paterna deixará seus rompantes imaginários para vir a ocupar o lugar de Pai Simbólico, ou seja, aquele no qual ele é detentor de um falo.

Uma vez tornado possível o deslocamento desta posição, ou seja, que ao pai é atribuída uma condição fálica, há um desenvolver da relação uma vez estabelecida no campo imaginário para os campos da realidade e do simbólico. Ele passa a intervir simbolicamente na relação com a mãe.

Segundo Dör,

se o desejo da mãe é submetido de certa maneira à instância paterna, suposta privar, interditar e frustrar, disso resulta que a mãe reconhece também a lei do pai como aquela que mediatiza seu próprio desejo. Uma única conclusão se impõe, portanto, à criança: o reconhecimento que ela tem desta lei é apenas o daquela que regula o desejo que ela tem de um objeto que não é mais a criança, mas que o pai, em compensação, é suposto possuir (1991, p. 49).

Quanto à incidência do desejo da mãe em relação ao desejo do pai, Dör (1991) afirma que, esta descoberta, independente do desconforto que ela traga, possibilita à criança perceber o Pai real de modo imaginário. É ao tomá-lo imaginariamente que ela irá compreendê-lo como um intruso que detém um direito sobre a mãe e que mediatizará a relação fusional que outrora tinham privando-a, interditando-a e frustrando-a.

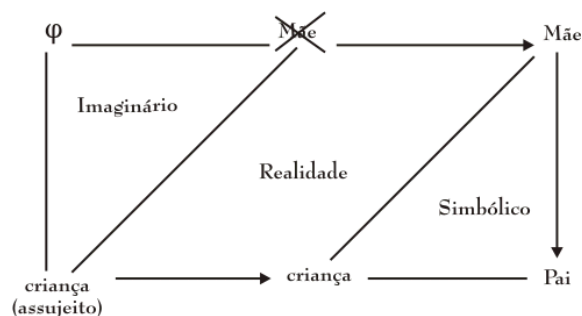
o pai sobrevém, inevitavelmente, como um intruso privador no investimento psíquico da criança. Além disso, impedindo-a de tê-la toda para si, o pai, descoberto como um que tem direito à mãe, manifesta-se então à criança como interditor. A privação unida ao interdito só pode, enfim, suscitar na criança a representação de um pai frustrador, que lhe impõe ser confrontado com a falta imaginária desse objeto real que é a mãe e da qual ela necessita (DÖR, 1991, p. 48).

Somente quando um pai se torna um objeto escolhido pela mãe, independentemente de sua força ou fraqueza, é que será possível a identificação final, que proporcionará destinos diferentes para o menino e para a menina.

Vemos com isto que é fundamental que a mãe tome o pai como mediador daquilo que está para além de seus caprichos e de sua lei. Tomá-lo desta forma vai permitir que a criança o veja como aquele que priva ou não priva a mãe como objeto de seu desejo. É neste sentido que Lacan atribuiu a função do pai como a de Nome-do-Pai.

O pai simbólico é o nome do pai. Este é o elemento mediador essencial do mundo simbólico e de sua estruturação. Ele é necessário a este desmame, mais essencial que o desmame primitivo, pelo qual a criança sai de seu puro e simples acoplamento com a onipotência materna. O nome do pai é essencial a toda articulação de linguagem humana (LACAN, 1957-58/1999, p. 374).

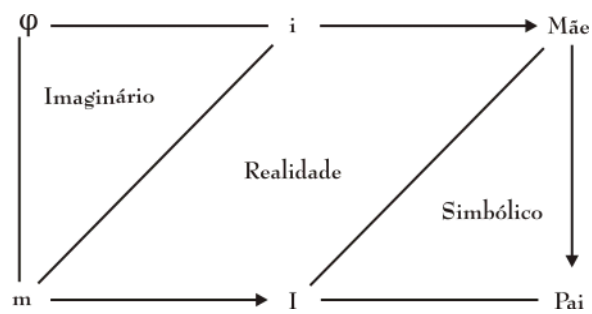
Quando ocorre que o desejo materno não está vinculado ao pai, a função paterna não tem lugar de existência e a onipotência maternal prevalece. Isto faz com que a criança não saia do circuito circunscrito à mãe, mantenha-se como objeto do desejo do outro e coloque-se no lugar de falo imaginário.



É através da metáfora Nome-do-Pai que a criança encontra um significante de um pai para ela e passa a ser admissível a localização do lugar de objeto do desejo da mãe. É por um significante, isto é, “pela letra em que se marca a ancoragem do inconsciente na linguagem” (Roudinesco, 2008, p. 369) para outro significante, desta forma, numa cadeia de significantes, que ele é representado no interior de uma dada estrutura. Desta maneira, o esquema atribuído ao lugar do Pai (P) o lugar de inscrição do falo simbólico (M).

Tendo o falo uma localização possível no campo simbólico, isto possibilita à criança conduzir-se em direção ao lugar de sujeito, pois houve um deslocamento em relação à sua identificação primeva imaginária com o desejo materno, o falo imaginário, representado no esquema por (v). Ao passar para uma posição de sujeito desejante, há uma renúncia, que exprime explicitamente a expressão de sua própria condição de castração.

O advento do Pai simbólico como Nome-do-Pai atesta, com efeito, o reconhecimento de um Pai castrador pela criança, não apenas em razão da atribuição fálica que lhe é conferida, mas ainda pelo próprio fato de que a mãe é suposta encontrar junto a ele o objeto desejado que ela não tem. O Pai simbólico, pois, só surge para a criança como Pai castrador estritamente na medida em que a criança o investe igualmente como um doador diante da mãe. Assim, a metáfora do Nome-do-Pai, que atualiza a castração, é necessariamente isomórfica à simbolização da Lei. Em consequência, a castração só poderia intervir no complexo de Édipo sob o aspecto de uma castração simbólica, à falta da qual permaneceria radicalmente ininteligível. De fato, tendo por objeto o falo, ela não pode traduzir outra coisa que não a perda simbólica de um objeto imaginário (DÖR, 1991, p. 54).



O que Lacan demonstra com este esquema R é que o sujeito, seja ele psicótico ou neurótico, não existe enquanto pleno. Além disso, não há possibilidade de existir um sujeito se não houver um significante que o estabeleça. Portanto, o Nome-do-Pai possui uma função significante.

Segundo bem resumiu Quinet “o resultado da metáfora paterna é a inclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro (conjunto de significantes) e o acesso à significação fálica, que permite ao sujeito se situar como homem ou como mulher na partilha dos sexos” (QUINET, 2012, p. 29). Além disso, é importante salientar que “a função verdadeira de um pai é a de unir um desejo à Lei” (LACAN, 1966/1998, p. 839). É a conciliação entre eles que define a função do pai propriamente dita neste momento e o seu entrelaçamento permite que limites sejam estabelecidos.

Diante da instauração da lei simbólica temos a perda de um gozo. O acesso do sujeito ao gozo do Outro só se faz possível via fantasia. No mais, ele fica barrado por conta da introdução no Nome-do-Pai nesta posição. Desta forma, o Outro como tesouro dos significantes passa ao lugar da Lei.

Inevitavelmente, esta passagem é permeada por uma falta, o que torna o Outro faltante. Assim, o lugar do Outro não é visto mais como aquele onde teríamos a fonte do código, mas como um lugar onde coisas originais e novas, sem codificação prévia poderiam surgir e serem acolhidas.

Dessa forma, o Outro não seria suficiente para estabilizar a relação entre significado e significante, uma vez que “o típico do significante é, justamente, ser descontínuo” (LACAN, 1957-58/1999, p. 156). Há sempre um resto que não pode ser simbolizado. Este resto fora designado por Lacan como o *objeto a*.

6. Do pai simbólico para o real e o gozo

Podemos verificar que o caminho percorrido por Lacan a respeito do lugar do pai sofreu transformações importantes, que iniciou com a compreensão de seu papel na formação do simbólico dos sujeitos e, com o passar do tempo, caminhou rumo ao real e ao gozo. Com isso, a concepção do Nome-do-Pai foi também se diferenciando. Veremos como se deu sua transformação com o surgimento de dois novos conceitos criados por Lacan: objeto a e o gozo.

Aproximadamente 10 anos após a publicação *De uma Questão Preliminar a todo Tratamento Possível da Psicose*, Lacan insere algumas importantes contribuições em notas de rodapé. Uma delas diz que o campo da realidade possui configuração que segue o formato da faixa de Möebius, que é aquela na qual podemos caminhar por todo seu percurso sem jamais ultrapassar nenhuma borda. Desta maneira, quando tentamos juntar a imagem especular (i), o ideal do eu (I) e a mãe (M), verificamos a ligação existente entre os campos simbólico e imaginário, podendo um elemento intercambiar continuamente entre estes dois lados. Ele ainda acrescentou que o campo da realidade só pode ser mantido via extração do *objeto a*. Esta retirada é um efeito da operação de castração. Caso isto não seja realizado, não há como estabilizar o campo da realidade. Uma vez perdido, o neurótico buscará reencontrar o objeto a através da fantasia.

A introdução do novo conceito lacaniano nomeado como *objeto a* trouxe grandes transformações em sua teoria. Este assumiu papel central em sua concepção acerca da constituição dos sujeitos, o que proporcionou um novo rumo à sua linha de pensamento.

O objeto *a* pode ser considerado como qualquer objeto que dá conta da pulsão e causa desejo ou angústia. Diferente dos outros objetos, ele não faz parte da ordem significativa, pois não pode ser nomeado. Da mesma forma, ele não pode ser considerado dentro da ordem simbólica ou imaginária. Sua única consistência lógica está no fato de que ele afeta o sujeito de alguma maneira e seu *status* é o de ser um objeto condensador do gozo (Quinet, 2012, p. 33), conceito que será aprofundado mais adiante.

Trata-se, então, de um objeto perdido cuja falta estrutura o inconsciente, sendo correspondente ao primeiro objeto de desejo. Caso tivéssemos acesso a ele, o objeto *a* seria aquele que entraria perfeitamente no lugar do primeiro objeto perdido, o qual poderia proporcionar supostamente a satisfação plena.

A primeira referência ao conceito de gozo é apresentada por Lacan em seu Seminário sobre a Ética na Psicanálise, de 1959, quando ele se propõe a falar sobre “o paradoxo do gozo”. Aqui ele o define como sendo a satisfação de uma pulsão.

É interessante verificar que no início de sua exposição ele fala sobre a morte de Deus e introduz o tema do gozo através disto. Posteriormente, ele justificará a ligação entre gozo e lei, que estão internamente correlacionados. Ele relembra que o único mito moderno, que é o Totem e Tabu, desenvolvido por Freud, fora criado para dar conta de uma fantasia que estrutura os sujeitos, na qual, após o assassinato do pai, a lei é instaurada, o que leva à proibição do

incesto de forma definitiva. Este seria o que Lacan verificou como sendo um dos paradoxos do gozo. A morte do pai primevo não possibilitou uma via para o gozo, que faria com que seus filhos, assim como ele, tivessem acesso a todas as mulheres. Ela acabou por reforçar ainda mais a interdição, conforme expressou Lacan.

Tudo está aí, e é justamente isso, tanto no fato quanto na explicação, a falha. O obstáculo sendo exterminado sob a forma do assassinato, nem por isso o gozo deixa de permanecer interdito e, ainda mais, essa interdição é reforçada. Essa falha interditiva é portanto, sustentada, articulada, tornada sensível pelo mito mas é, ao mesmo tempo, profundamente camuflada por ele. É importante ater-nos ao que a falha comporta. Tudo que a transpõe constitui objeto de uma dívida no Grande Livro da dívida na Lei (LACAN, 1958-59/1989, p. 216).

É importante salientar que neste período Lacan não tinha nenhuma especificação estabelecida quanto ao gozo. Porém, atribui somente que o gozo que poderia ser considerado como sem limitação ficava restrito ao pai totêmico, sendo que os demais teriam um gozo limitado, pois a instauração da lei regida pelos significantes o limita.

Vemos ainda neste seminário sobre a *Ética da Psicanálise* que a função paterna é evocada novamente para demonstrar como ela se situa em um lugar extremamente complexo, que seria a de ser um mito, ou seja, um pai morto, conforme indicado no mito freudiano.

Foi através da análise de outro mito, o mito bíblico do Sacrifício de Abraão, durante sua primeira e única apresentação do Seminário Nomes-do-Pai, em 1963, que Lacan falou sobre o sacrifício do gozo do pai. Neste mito, a história apresentada é a de que Abraão e sua esposa, Sara, receberam um filho de

Deus. Ela não poderia ter filhos por conta de sua idade avançada, na época com 90 anos. Esta criança recebeu o nome de Isaac. Este mesmo Deus que deu o filho a este casal, ordenou que Abraão conduzisse o menino a um monte e o sacrificasse. Esta seria uma maneira de demonstrar sua devoção a Deus. Prestes a matar seu Isaac, um anjo intercedeu este ato, dizendo-lhe que não era mais necessário realizar este feito, uma vez que ele já havia comprovado sua devoção.

Lacan interpreta este mito, que leva o nome de Sacrifício de Isaac, como podendo ser nomeado como “Sacrifício de Abraão”, uma vez que, ao tentar tirar a vida de seu filho, ele estaria sacrificando seu estatuto paterno, isto é, seu gozo enquanto pai.

A análise de Lacan caminha para a averiguação quanto à questão do gozo do pai. Ele entende que ao Abraão realizar uma escolha na qual estaria abdicando seu filho em nome da devoção a Deus, ele estaria renunciando a uma parcela de seu gozo. É isto que é enfatizado por Lacan e com o qual ele afirma que é preciso que algo seja sacrificado para que seja possível o estabelecimento da lei do desejo.

Conforme já afirmado através de *Totem e Tabu*, sabemos que a lei do desejo só tem lugar uma vez que o pai totêmico está morto. Porém, o que Lacan acrescenta aqui diz respeito à posição viva e gozadora do pai. Há uma parte do gozo que deve ser sacrificada, mas, ao mesmo tempo, há uma outra parte que deve ser gozada.

Quando Abraão fica sabendo pelo anjo que ele não está ali para imolar Isaac, Rachi faz-lhe dizer: “E então? Quer dizer que eu vim para nada? Vou, mesmo assim, lhe fazer ao menos um leve ferimento, para

sair um pouco de sangue? Isto te dará prazer, Eloim?" (LACAN, 1963/2005, p. 83).

Este trecho demonstra, na concepção de Lacan, que o pai está vivo e goza. Abraão goza ao buscar saciar a vontade de Deus, ao demonstrar sua devoção e lealdade, porém acaba por abrir mão de outro gozo, que estaria no ato de abdicar de seu filho. Desta forma, ele explica que o gozo do pai é possibilitado através da recusa a um gozo dito ilimitado.

Lacan afirma que o pai enquanto real pede para si uma parcela de gozo que fora interdito desde o Totem e Tabu. Em sua releitura, ele acaba tirando a função paterna do lugar de um significante puro, pois ser pai está relacionado ao desejo, e não somente ao campo do simbólico. Ser pai é algo que teve uma causa e pode ser escrito como um objeto *a*, que representa o objeto causa do desejo. Assim, Lacan afirma ser pai não está restrito somente ao campo do significante. Isto diz respeito a uma causação do desejo e à encarnação do gozo.

Em seu seminário sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan buscou explicar como se dava a constituição dos sujeitos, que sempre implicam o sujeito e o Outro, tendo como base a relação entre desejo e gozo. É através da vivacidade do Outro, que até o momento era representado como morto, que a subjetividade e a pulsão passam a ter um lugar. O sujeito só poderá emergir de um campo vivo. “É do lado desse vivo, chamado à subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão” (LACAN, 1964/2008, p. 200).

A partir disso, há uma nova visão acerca do Nome-do-Pai. Ele passa a não ser mais tomado como único e universal. Pelo fato de poder ser tomado como uma

roupagem do objeto a, ele pode ter vários nomes e localizações, pois o que lhe dá consistência são modos de gozar particulares presentes em uma determinada estrutura. Assim, ele passa a ser tomado na particularidade de seu desejo como representante de um universal. O desejo deixa de aparecer identificado ao que dá consistência ao Outro e o Nome-do-Pai passa a ser visto como uma máscara ou um semblante que encobre sua inconsistência, oferecendo a aparência de que não há um buraco. É pelo fato de isto dizer respeito à particularidade da posição desejante de cada um é que se abre a possibilidade para que haja diversos Nomes-do-Pai.

Uma vez que a função paterna poderia ser desenvolvida em torno de um pai tomado como vivo, dentro de um gozo possível e limitado, ele vincula este pai, que faz função e goza, através do conceito de "père-version". Lacan faz um jogo com as palavras que, em francês, remete à ideia de "uma das versões do pai", para apontar para seu lugar na estrutura. A perversão, assim como a neurose e a psicose, é uma das versões do Pai.

Este conceito foi apresentado no seminário de 1975, denominado RSI, no qual ele afirma que isto diz respeito a uma versão que o pai dá sobre seu modo de gozar ou a maneira como foi possibilitado o seu gozo. Segundo Lacan, é isto que um pai transmite a seu filho. É a sua versão de gozar que interdita a mãe do filho. Este conceito, além de ressignificar a posição do pai e da mãe, coloca-os na posição de homem e mulher, o que acaba por substituir aquilo que ele havia chamado de metáfora paterna.

Desta forma, o que temos com a pluralidade de nomes-do-pai é a apresentação de infinitas possibilidades que a figura que carrega esta função tem para estabelecer a ligação entre suas posições simbólica e real.

A articulação destes registros demonstra a forma como cada pai dá conta, enquanto homem, da não relação sexual com uma mulher. É pelo fato do homem estar faltante e barrado na posição de Outro, que ele deseja e pode desejar uma mulher. Podemos especificar a mulher nesta relação como aquela que cuida de seu filho.

III. As tentativas de salvar o pai de seu declínio: fundamentações freudianas e lacanianas

1. Pai da horda freudiana: resgate da importância do pai através da função simbólica e a fratria revelada

Desde seu processo de criação até os dias de hoje, os desdobramentos psicanalíticos - começando pelos questionamentos freudianos sobre a etiologia dos sintomas histéricos, passando pelas reformulações tópica e teórica que Lacan fez a partir de Freud, chegando aos sintomas que encontramos hoje na clínica e as investigações sobre novas economias psíquicas - verificamos a insistência da indagação quanto à figura do pai e suas implicações na constituição dos sujeitos. É possível dizer que se não houvesse o questionamento a respeito da figura paterna e de sua importância na formação do psiquismo, a psicanálise não se sustentaria.

Em grande parte dos trabalhos psicanalíticos mais expressivos publicados recentemente que envolvem a questão do pai e os novos sintomas (KRISTEVA, 2002; MELMAN, 2008; ŽIŽEK, 2003), há um consenso de seus autores quanto ao fato de que o declínio das figuras de autoridade, constantemente vinculado aos representantes paternos, seria o elemento fundamental presente nos “novos” fenômenos que averiguamos na clínica. Quando falamos de autoridade em psicanálise, vemos que ela está vinculada ao simbólico e à correlação existente entre a lei e os sujeitos pela via da moral interiorizada.

Freud tenta dar conta de compreender como esta lei é interiorizada e demonstra sua investigação em diversas publicações ao longo de sua obra.

Naquela que pode ser considerada como a mais marcante, na qual ocorre uma virada onde ele propõe estabelecer um elo entre suas teorizações com a cultura e as ciências sociais, Freud apresenta um mito sem o qual não poderíamos abordar a teoria do pai em psicanálise. Ele oferece ao papel paterno uma posição mais profunda e ampla, que sustenta o lugar de uma “função” na estruturação psíquica dos sujeitos e na organização social.

Segundo DÖR,

a noção de pai intervém no campo conceitual da psicanálise como um operador simbólico a-histórico. Vamos entendê-la, então, como um referente que apresenta esta particularidade essencial de não estar sujeito à ação de uma história, pelo menos no sentido de um ordenamento cronológico (1991, p. 13).

Esta mudança proporciona uma reviravolta no que se entende a respeito da condição humana por apresentar, mesmo que miticamente, como ocorre a transformação de uma posição de ser da natureza para sujeitos inseridos em uma cultura. Em Totem e Tabu (1913) ele demonstra como fora possível o estabelecimento de laços afetivos e a ascensão de uma figura que representa a lei, que fora admitida por todos e que comanda o comportamento do grupo.

De acordo com DÖR,

é porque esse pai simbólico é universal – daí a essência de sua necessidade -, que nós não podemos deixar de ser tocados pela incidência de sua função, que estrutura nosso ordenamento psíquico na qualidade de sujeitos. Com efeito, nenhuma outra saída é proposta ao ser falante a não ser curvar-se ao que lhe é imposto por esta função simbólica paterna que o assujeita numa sexuação (1991, p. 14).

A invenção de Freud foi muito perspicaz ao demonstrar o elo entre o sentimento de declínio da imago paterna no final do século XIX e o desejo de inserção da família em uma nova ordem simbólica. Com a criação do mito e com os questionamentos a respeito da figura paterna em toda sua obra, Freud “salva” o pai ao teorizar sobre as diferenças essenciais entre as gerações para que o modelo familiar continue a se sustentar simbolicamente.

Dessa forma, o complexo edípico deixa de ser visto como algo particular ao contexto cultural vienense e passa a ser tomado como algo central na constituição da civilização e da família. Ele passa a não mais corresponder somente ao mito de um sujeito em específico e se torna o mito das origens dos sujeitos.

O processo de civilização ocorre através da morte do patriarca tirano, porém o que fica marcado nesta constituição é a renúncia pulsional da fratria, uma vez que é ela que sustenta a relação entre irmãos, o que não acontece sem sofrimento, correlacionado à sensação de desamparo. Culpa, ciúme e inveja não conseguem ser abolidos.

Podemos assumir que a invenção freudiana revela também a igualdade fraterna no que diz respeito à insuficiência e à precariedade. O maior problema está no fato de que, a partir da morte do pai primevo e de sua função ser tomada simbolicamente, como um vetor, é preciso que haja sua reinvenção. Como apontou Dör (1991, p. 15), há um descompasso entre a filiação e a paternidade, sendo que a primeira, por se estabelecer mais firmemente em um nível simbólico, prevalece sob a paternidade tida como real.

Por não ser um pai que faz um corte, que está submetido às mesmas leis da fratria, ele não pode ser reduzido ao ternário da estruturação edípica. É esta própria imprecisão na reinvenção do pai que faz-nos deparar com seu declínio.

Segundo Pereira (2006),

De Moisés a Cristo, de Genghis Khan aos imperadores romanos, de Napoleão a Hitler, de Tiradentes a Vargas ou mesmo de Piaget a Freud, cada um a seu modo, todos impuseram suas leis, suportaram por alguns instantes ser idênticos ao pai morto, e sofreram eles mesmos constrangimentos sociais sob a pena de uma impostura: revolta, renegação, ostracismo, perseguição ou morte. Daí ser curioso perceber como quase toda essa literatura, da filosofia à história, da antropologia à psicanálise, induz à ideia de que o declínio paterno e, conseqüentemente, do mestre – como aquele que se apresenta e encarna a sua lei – é sucedido por uma fraternidade revelada (2006, p. 87).

2. O “complexo” pai lacaniano

Na obra lacaniana verificamos que a estruturação psíquica e o discurso foram estabelecidos através de conceituações freudianas clássicas. O assassinato do pai primevo e o complexo de Édipo indicam a essência da estruturação tópica e lógica que ele estabeleceu sem desconsiderar a energia pulsional e libidinal.

Hoje, passados 75 anos de seu primeiro grande escrito, de todas as transformações ocorridas em suas fundamentações teóricas e posicionamentos feitos acerca da psicanálise, é preciso retornar aos Complexos Familiares uma vez que a temática paterna, principalmente o que concerne ao seu declínio,

continua a ser alvo de justificativas e críticas quanto aos problemas sociais atuais.

Voltar a esta obra faz-se fundamental para que não nos esqueçamos dos fundamentos que estavam por trás daquilo que é considerado um dos temas centrais desta publicação: o declínio da imago paterna. Para Lacan, ele estaria ligado à contração da família ocidental. A queda do valor social do pai nestas famílias “determinou o declínio de sua fecundidade subjetiva no complexo de Édipo” (ZAFIROPOULOS, 2009, p. 5). Trata-se aqui de sua concepção antes da valorização do retorno a Freud e anterior à influência de Lévi-Strauss. Ele pautou sua visão acerca contração da família ocidental com base nos fundamentos de Durkheim, pai da sociologia francesa.

Durkheim afirmava que havia verificado a ocorrência de um fenômeno na sociedade ocidental, que ele nomeou como lei da contração familiar, segundo o qual esta própria instituição havia produzido as sementes de suas anomias. Geraram, com a contração, aquilo que punha em cheque sua funcionalidade e seu poder. Assim como Durkheim, o Lacan dos Complexos Familiares acreditava que o declínio do pai também estava relacionado à contração da família ocidental.

Desta forma, a ideia de que houve a criação de um novo grupo familiar a partir das mudanças culturais e históricas fizeram com que Lacan enxergasse de maneira superficial os fundamentos por trás do nascimento da psicanálise e relativizasse, neste momento, um dos pontos centrais desta teoria - a questão edípica.

Como muito bem lembrou Zafirooulos (2009), a família contraída, ou seja, a família conjugal, não é uma invenção dos séculos XIX e XX, pois podemos

verificar sua existência muito antes deste período, podendo, inclusive, ser tomada como a forma de família mais frequente.

Ao encontrar nos postulados de um crítico de Durkheim, Lévi-Strauss, uma nova visão acerca do complexo edípico, Lacan propõe o retorno a Freud, o que tornou possível a formulação do conceito Nome-do-Pai. Isto faz com que ele saía de uma concepção que envolve a psicologia da família ou do filho e propõe uma nova visão sobre a questão do pai na estrutura familiar, o que já fora abordado nos capítulos anteriores.

Jacques-Alain Miller, em sua leitura crítica do texto lacaniano em questão, aponta que:

O que virá a seguir, a posição excepcional do ponto de basta como presença do Nome-do-pai, já está anunciada nesse texto, uma vez que toda a fantasista humana, até à castração, é tomada no parêntese materno. A função do pai aparece como sendo de uma ordem completamente diferente, embora Lacan ainda não disponha de outro termo senão o de imago para qualificá-lo. (MILLER, 2005, p. 11).

Outro ponto importante que temos neste texto diz respeito à maneira como Lacan se refere a este declínio. Ele está relacionado a uma imago e não a uma função. A troca destes dois termos pode ser considerada fonte de confusões e controvérsias na compreensão da teoria lacaniana, o que faz com que se pense na questão do pai erroneamente.

Araújo (2011), ao realizar um estudo crítico sobre o declínio da chamada “função paterna” na clínica do caso e do social, inicia sua discussão apontando que Lacan dizia que se tratava de um declínio da *imago*, pois compreendia que esta estava relacionada à ordem de uma representação de cunho inconsciente.

A imago é integrante essencial dos complexos e estes, por sua vez, ordenam o desenvolvimento psíquico. A família, para Lacan, seria o “lugar de eleição dos complexos mais estáveis” (LACAN, 1938/2003, p. 35).

Ao olhar para este declínio como da ordem de uma *função*, entende-se que não haveria ali no significante “Nome-do-Pai” o recalçamento operando na neurose, a denegação na perversão ou a forclusão nas psicoses. Araújo (2011) acrescenta que isto possibilita que termos psiquiátricos entrem em cena para dar conta dos fenômenos que vemos nos dias de hoje, o que faz com que haja uma confusão entre estrutura e sintomas.

Interessantemente, surge também o termo trazido da psiquiatria que obedece a esta lógica de um declínio da subjetividade contemporânea, os chamados borderlines, na psicanálise de inspiração anglo-saxônica. Aliada a essa defesa de uma “dessubjetivação contemporânea”, surge uma supervalorização dos “invólucros formais do sintoma” (de Clérambault), fazendo confundir sintoma e estrutura (ARAÚJO, 2011).

Uma vez instaurada esta confusão entre o declínio da função e da imago paterna, abre-se campo para que entrem em cena discursos nostálgicos e de fundamentação moralista, visando um pai que nunca existiu, além do que isto em nada contribui para a compreensão dos fenômenos sociais e das formações sintomáticas vistas na clínica.

Há um ponto importante que fora exposto na leitura crítica que Jacques-Alain Miller fez sobre Os Complexos Familiares. Ele se detém ao termo “carência” para dizer que é ali que se encontra a essência do que fora postulado mais tarde e que se mantém 75 anos após sua publicação.

Nesse texto, há muitas falsas janelas, uma espécie de lista, de instalação simétrica, de contabilidade, que decorre certamente do estilo psiquiátrico e enciclopédico, mas, ao lê-lo no a posteriori, é preciso desarticulá-lo para percebermos que a manifestação essencial do complexo é a “carência objetiva no que diz respeito a uma situação atual”. Dessa frase, podemos manter apenas o termo carência. O que Lacan nos apresenta sob o aspecto fixo e ativo do complexo se refere cada vez a uma carência. Apesar das aparências, é essa carência que ordena o que vem a seguir: a sequência escandida do desenvolvimento psíquico proposta por ele. Isso permite ver com clareza o que esse texto antecipa, ao valorizar, em se tratando da estrutura no sentido analítico, sua correlação com o objeto como carente. Não temos aqui sua lógica apurada que Lacan dará mais tarde, mas sim seu ponto de evocação. (MILLER, 2005, p. 8).

Isto nos remete ao fato de que a carência estaria onde há deficiência no reconhecimento do que este pai representa. Não há como um pai se estabelecer sem que isto ocorra, o que é possibilitado via o discurso materno transmitido aos filhos.

Ao mesmo tempo, a existência dos filhos permite que o lugar paterno seja certificado, o que demonstra um envolvimento destes três elementos e o lugar que cada um ocupa na estruturação edípica. O que fica como marcante é o peso da autoridade do discurso *materno*.

É o discurso da mãe que apresenta ou não um pai para a criança, reconhecendo neste valor e potência. Por isso é que não basta o reconhecimento biológico da paternidade para haver pai, assim como

a destruição de um pai pode se dar pelo desreconhecimento feito no discurso materno (FLEIG, 2005).

Por isso, ao supormos que, quando falamos de autoridade estamos “naturalmente” nos referenciando ao que há no campo masculino, indicamos um desconhecimento quanto ao poder do discurso maternal e sua possibilidade onipotente. Para que ela não ocorra, para que haja lugar para o Nome-do-Pai, o que é indispensável para que ocorra a estruturação dos sujeitos, é preciso que entre um terceiro que coloque um limite ao gozo da mãe.

Nos últimos estudos de Lacan quanto ao lugar paterno, verificamos, conforme apontado na segunda parte deste trabalho, que pensar no Nome-do-Pai em sua pluralidade possibilita com que ele não fique como único e universal, ou seja, ele pode ser tomado como objeto *a* e sua consistência estaria em seus diversos modos de gozar, estando estes referenciados a uma dada estrutura psíquica. Seria a particularidade de seu desejo que lhe dá consistência, o que articula sua posição nos registros simbólico e real.

A partir disso, com a articulação destes registros, temos a maneira como cada pai, em sua posição de homem, tenta lidar com o fato de não haver relação sexual com uma mulher. Lacan toma a mulher como sintoma do homem, o que nos faz verificar que a potência deste está vinculada ao seu endereçamento ao outro. Enquanto faltante e barrado na posição de Outro, é possível que o desejo possa emergir.

3. Consequências do fim da estrutura familiar clássica

Mario Fleig (2005), ao falar sobre se o fim da estrutura familiar clássica seria o fim da família, ressaltou quanto às consequências desta visão precipitada e à

confusão entre os termos função e imago quando relacionados declínio do patriarcado.

A tese do declínio da função paterna, que situa, na queda do lugar paterno, a causa dos males na pós-modernidade, formulada no âmbito da psicanálise lacaniana, não pode ser aplicada precipitadamente. Caso se aceite esta tese, deveríamos voltar ao regime monárquico ou aderir aos fundamentalismos, que não cessam de afirmar o lugar prevalente da autoridade como sendo exclusivamente paterna. A queixa de que a insuficiência de pai provavelmente tenha atravessado a humanidade e supomos que, em outras gerações, havia mais pai do que hoje pode ser um consolo mítico. Se pai é uma função, como propõe Lacan, a função não pode ser mais forte ou mais fraca. Uma função, no sentido matemático, requer que seja operada.

Ao analisarmos estas questões relativas ao pai, o que deve ser levado em consideração é como uma função pode ser operada de forma adequada e, também, verificar o que impossibilita que isto ocorra. Isto tudo não sem antes lembrar de qual a função de uma família, para não cairmos no raciocínio superficial de que o fim da estruturação familiar clássica corresponderia ao fim desta instituição. Cabe à família, segundo Fleig (2005) a estruturação de novos sujeitos, o que possibilita que eles se transformem de meras crias em seres humanizados, isto tudo via inserção no campo da linguagem e da fala.

Mais uma vez, não é pelo fato de ocorrerem transformações na estruturação desta instituição que ela não poderá mais existir. Suas novas configurações apontam para formas diferentes de operar a subjetividade e a estruturação psíquica. O que precisamos manter em mente é como isto pode ser viabilizado

de modo mais adequado. Como bem aponta Araújo (2011), a função paterna continua como operador lógico intrapsíquico, de qualquer formação sintomática na clínica, ou de qualquer fenômeno social proveniente das reorganizações históricas de poder.

Ao discutir sobre o que seria realizar o pai nos dias de hoje, Jean-Louise Chassaing (2000) apontou um fato importante: no contemporâneo, há uma infinidade de enunciados oferecidos por especialistas, analistas, consultores, pela ciência e pelo mercado que tomaram o lugar da enunciação dos sujeitos e ditam as condutas, posturas e saberes e que sustentam o lugar de autoridade.

O fato de que a mãe sustenta aqui a posição de seu homem não é insignificante, mas eles se apresentam os dois impotentes. Eles representam bem esta queda da “potência paterna” substituída desde 1970 pela “autoridade paterna”... Mesmo que em aparente concordância, duas palavras não se valem - aparentemente. Então, justamente, a quantidade de enunciados não substitui a qualidade do lugar da enunciação. É bem aí que interveria, em último recurso, o especialista quem quer que seja: no lugar terceiro, não o “três” essencialmente cifrado, mas o terceiro do exílio dos dois, e também terceiro articulado a uma lei; o diferente... Não é isso que é procurado e ao mesmo tempo negado. Não é este lugar que é hoje fragilizado?
(CHASSAING, 2000).

Portanto, a questão que precisa ser analisada quando pensamos sobre a consistência daquele que opera a função paterna, que indicaria a autoridade e a barra do gozo pleno da mãe, é a seguinte: quem ocupa este lugar hoje?

O discurso proferido por estes representantes da ética e das condutas apresentam uma alteridade anônima, que dilui a responsabilidade ao ponto de termos atos sem autoria, sem sujeitos, sem particularidades. Podemos dizer que está aí a diferença entre atores e autores, e que fora salientado por Dunker (1998) quanto ao exercício da maternidade e da paternidade.

Podemos brincar com a grafia da palavra e dizer que o hiato, representado pelo “u”, apresenta a falta necessária para que a posição desejante possa prevalecer. É isto o que diferencia atores, ou seja, representantes de papéis que podem ser atuados com vinculação anônima ao seu criador, sem que eles se descolem do proposto pelos autores. Estes, por sua vez, seriam aqueles que indicam uma criação própria, que algo ficou de fora e que possibilitou sua autoria particularizada.

A cultura burocrática na família é um exemplo da colonização que estamos abordando. Exercer a paternidade ou a maternidade é uma questão de autoria, no entanto há claros sinais de ela tornar-se cada vez mais uma questão para atores, para boas ou más representações de papéis. O autor, de onde emerge a noção de autoridade, corresponde à uma forma de produção de particularidades, o ator, por sua vez, de onde emerge a noção de papel, é, via de regra, alguém que representa um texto, que do seu ponto de vista pode ser anônimo (DUNKER, 1998).

Assim, a autoridade está do lado daqueles que enunciam e bancam seus desejos e escolhas. A autoridade indica quem são os autores. A carência, correlacionada ao declínio da imago paterna, está nesta sustentação. As figuras paternas e maternas nos dias de hoje não conseguem sustentar seus

atos e suas escolhas a partir do que pode ser estabelecido através da relação de um a um com o outro.

O que causa sofrimento psíquico e que é manifestado na clínica nos dias de hoje, em sua grande maioria, está longe de ser um incômodo proveniente de restrições que não levam a satisfações de suas pulsões, o que fora visto por Freud em suas teorizações e exposto em *Mal-Estar na Civilização* (1930). Não há o cerceamento do indivíduo como antigamente, pois a liberdade tornou-se um valor absoluto, que faz com que se busque o prazer a todo custo, que se goze sem limites, tal qual o pai primevo da horda.

Por mais enganosa que esta proposta seja, é a isto que o sujeito contemporâneo se aprisiona, aceitando submeter-se às imposições sociais que levam a tal feito e que representam, de forma falsa, as expressões das possibilidades da liberdade e de que o sujeito está livre para fazer o que deseja.

Diante de tal contexto, a soberania do pai será sempre questionada e testada. Manter-se neste tipo de relação vertical, que vislumbra o posto do pai gozador e a satisfação plena, só nos levará a mais fracasso e descontentamento. Talvez, se voltarmos nosso olhar para outro tipo de relação, a horizontal, conforme estabelecido nos vínculos fraternos, seja possível abrir um novo campo de investigação para pensarmos aspectos clínicos e metapsicológicos. Porém, conforme bem apontou Teixeira (2002), faz-se importante não transpormos a explicação quanto à constituição dos sujeitos e da civilização saindo da ênfase da função paterna e lançando luz para a fraterna. Com isso arriscaríamos mais uma vez responsabilizar a não operatividade do Nome-do-

Pai por aquilo que está fora existência do social e da contextualização da realização subjetiva, caindo, assim, em uma arapuca conceitual.

Ao assumir as responsabilidades, ao estabelecerem-se como criadores de regras que fundamentam o seu entorno e os laços que os mantém unidos, a fratria pode abrir para novos desdobramentos e possibilidades de sociabilidade. Na fratria, apresentam-se mestres temporários e não derradeiros. Utilizando-se do exemplo de Dom Quixote, Pereira (2006) exemplificou esta possibilidade dentro dos laços fraternos.

o personagem de Cervantes guarda uma primazia acima dos mestres comuns. Ele peregrina. Ele não se fixa. Ele se sabe precário e interino na longa jornada que atravessa, sob o peso do nome dessa função. Situar-se como provisório talvez seja assentir com um lugar intermediário de poder, de passagem, segundo o qual não se exige nem o não-saber, cúmplice de uma debilidade, nem o saber tudo, expressão de uma arrogância. Isso em nada se traduz como ponto de equilíbrio ou de harmonia, como se a mestria pudesse um dia chegar à condição paradisíaca e não-castrada de um céu idealizado. Apresentar-se como um “deus de prótese” é, quem sabe, presumir-se um tanto contingente, quixotesco e, no que concerne ao ato, fora da voluntariedade do código ou do amálgama do sentido. (PEREIRA, 2006).

As experiências nesta situação grupal põem em cheque e reforçam a identificação primária, que se encontra no alicerce dos ideais. A relação entre irmãos possibilita o encontro do que fora vivido edipicamente com o narcísico, o que, segundo Assoun (2010, p. 10) torna viável uma “socialização do

narcisismo”, que teria como consequência o desenvolvimento da relação de amor ao semelhante e a transposição da rivalidade especular.

Considerações Finais

Diferenças nas semelhanças: a autoridade através dos laços fraternos

Verificamos no momento atual que as sociedades ocidentais democráticas estão cada vez mais pautadas pela presença de linhas de pensamento liberais. Concomitante a este fato, a ascensão de valores individualistas faz-nos dar conta do desmoronamento de instituições grupais. Estas não mais respondem aos anseios da população.

A ausência de um que viria para representar os anseios coletivos, que agiria como um princípio unificador, um ponto de apoio ou como um “Outro” que sustentaria uma dada fantasia em nome da qual a autoridade poderia ser legitimada, cria obstáculos e dificulta o acesso à subjetividade de cada um.

Vivemos em uma época de produção ininterrupta de novas angústias e sintomas atrelados aos excessos da sociedade de consumo, vinculados às modalidades de gozo ilimitados. Isto se coloca uma vez que hoje não temos nenhum representante que tenha legitimidade suficiente para se colocar no lugar deste Outro. Não há uma montagem simbólica que a sustente e, assim, a figura paterna, que seria a representante da interdição e da autoridade, perde sua sustentação.

Desgastada e em declínio há mais de um século, a figura paterna tem cada vez mais perdido seu lugar como referência para o estabelecimento da alteridade uma vez que não mais consegue suportar viver longe de um ideal igualitário. Com isso, assistimos às famílias se tornarem cada vez mais horizontalizadas por não haver lugar para a diferenciação entre as gerações. Vemos cada vez

mais os pais reivindicando o amor dos filhos. A educação, a transmissão de valores e condutas, reduz-se ao que pode ser conquistado no campo afetivo. A conquista do amor dos filhos tem falado para mais alto para os pais da pós-modernidade e a função de educar torna-se cada vez mais terceirizada. Distantes e desparticularizados, proporcionando uma experiência de alteridade anônima sem autoria palpável, os representantes da autoridade, que supomos que saberiam dizer sobre o sujeito (a ciência ou o mercado, por exemplo) tem sua responsabilidade diluída. Apesar disso tudo, vejo que tomar isto como o fim dos laços sociais ou como uma perda da possibilidade de existirem sujeitos seria olhar para esta situação de maneira muito drástica.

Como visto em Lebrun (2008), há sim uma mudança na configuração dos laços sociais e não sua extinção. No que antes as posições hierárquicas poderiam servir como referência, limite, via simbólica de antecendência ao sujeito, certeza imaginária que oferece um lugar para responder ao que são e sua identidade, vemos agora a possibilidade das relações fraternas virem a ocupar este lugar de referência e que podem permitir sua saída de um lugar onde não há espaço para a alteridade.

A movimentação no triangulo edípico, para além do olhar materno que seduz e do pai interditor, que se oferece à identificação e ao estabelecimento dos ideais, ocorre quando há a afirmação de um laço fraterno, com o qual há uma abertura para a alteridade através do outro na revelação da semelhança na diferença, onde é desmascarada a irrelevância de cada um.

Com esta constatação, abrimos para um número sem fim de possibilidades de subjetivação. Este outro, “pequeno”, abre caminho para que o sujeito separe a

lei simbólica da figura real do pai, que se situa em um que se encontra debilitado, mutilado, claudicante.

Pelo fato desta formação social ser distinta das demais, veremos ainda questionamentos que tem como base certa nostalgia que visa encontrar o pai perdido e que representaria a vinculação de todos. Todavia, vejo que a formação de laços sociais horizontais nos evidencia a não necessidade de um líder/pai, que é efeito do discurso capitalista, que dita os imperativos de gozo.

Os laços fraternos, apesar de terem certa mobilidade, podendo se fazer e desfazer no percurso vivido por cada um, e ainda, possibilitando o estabelecimento de uma identidade, de proteção e cumplicidade, também podem ter sua face negativa quando cristalizados, o que dá abertura para que ocorram atos que tenham como base intolerância e segregação.

Vemos nos movimentos sociais recentes, principalmente nos últimos ocorridos no Brasil, a reivindicação por melhores condições sociais e econômicas feita via laços fraternos. Não se vinculam estas manifestações a um partido, a um mártir, a uma figura que garanta a autoridade daquilo que solicitam. Inclusive, apesar de ainda estarem em formação, foram rechaçados pelo próprio grupo manifestantes que carregassem um símbolo político ou vinculassem seus pedidos de melhoria a atos de violência e vandalismo.

Este tipo de estruturação social de massa ou de rebanho é uma forma dos sujeitos tentarem lidar com a necessidade de autofundação, conforme apontado por Lebrun (2008), algo típico da pós-modernidade, que produz efeitos na constituição da subjetividade de cada um. Isto ocorre, de acordo com Dufour (2005) pela falta do Outro como referente para uma autofundação. O bando se apresenta como uma alternativa de tentar unir todos em uma única

entidade, o que faria diminuir a angústia proveniente da situação de desamparo em que se encontra, decorrente da falta de um ponto de apoio.

Hipotetizo que essas considerações abrem para outras linha de pesquisa. Acredito que um aprofundamento nos estudos sobre os laços fraternos faz-se de suma importância para que possamos averiguar quais seriam os impactos na alteridade. Haveria espaço para a autoridade e para a autoria? Uma vez que se busque uma lei simbólica justa a todos, seria possível o reconhecimento das diferenças nas semelhanças?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, R. P. (2011). *Um estudo crítico sobre o declínio da chamada “função paterna” na clínica do caso e do social* – Palestra proferida no VI Congresso Nacional de Psicanálise da UFC e no XV Encontro de Psicanálise da UFC, Fortaleza.

ASSOUN, P. L. (1993). *Freud e a mulher*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

CHASSAING, J. L. (2000). *Realizar o pai, hoje*. *Journal Français de Psychiatrie; Clinique, Scientifique et Psychanalytique*, n. 9. Tradução de Otávio A. W. Nunes. Disponível em: <<http://www.lacan-brasil.com/lectura.php?auxiliar=rubriques/contemporaine/zaropai.html>>. Acesso em 10 mai. 2013.

DÖR, J. (1991). *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

DUFOUR, D.R (2005). *A arte de reduzir as cabeças: Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

_____ (2009). *O divino mercado*. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, Rio de Janeiro, ano 32, n. 23, p. 55-66. Disponível em: <http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/caderno23_pdf/09-O%20DIVINO%20MERCADO_DANY-ROBERT%20DUFOUR.pdf>. Acesso em 06 mai. 2013.

DUNKER, C. I. L. (1998). *Alteridade e autoridade*. *Interações: estudos e pesquisas em psicologia*, São Paulo, v.1, n. 5.

FLEIG, M. (2005). *As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família*. Entrevista com Mario Fleig, IHU-Online, São Leopoldo.

Disponível em: < <http://freudlacan.com.br/as-modificacoes-da-estrutura-familiar-classica-nao-significam-o-fim-da-familia/>>. Acesso em 07 mai 2013.

_____ (2009). *O direito ao gozo e a violência*. IHU-Online. São Leopoldo, 21 jun. 2009. Entrevista concedida a IHU-Online. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/23260-o-direito-ao-gozo-e-a-violencia-entrevista-especial-com-mario-fleig>>. Acesso em 06 mai. 2013.

FRANÇÓIA, C. R. (2007). *O simbólico na clínica psicanalítica: o início da teoria lacaniana*. Revista AdVerbum, v. 2, n. 1, pp. 87-101.

FREUD, S. (1886). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 37-49.

_____ (1888). Histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 75-96.

_____ (1893). Rascunho B. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 223-229.

_____ (1894). Carta 18. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 233-234.

_____ (1894). Rascunho E. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 235-241.

_____ (1895). Rascunho H. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 253-258.

_____ (1895). Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 2, pp. 13-316.

_____ (1896a). Rascunho K. As neuroses de defesa (um conto de fadas natalino). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 267-275.

_____ (1896b). Carta 52. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 281-287.

_____ (1896c). Carta 50. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 280-281.

_____ (1897a). Carta 57. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 291-293.

_____ (1897b). Carta 59. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 293.

_____ (1897c). Rascunho L. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 297-300.

_____ (1897d). Rascunho M. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 300-303.

_____ (1897e). Carta 69. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 309.

_____ (1897f). Carta 64. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 303-304.

_____ (1897g). Rascunho N. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 304-307.

_____ (1897h). Carta 71. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 1, pp. 314-317.

_____ (1897i). Carta 74. In: *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986, pp. 278.

_____ (1900). Sonhos sobre a Morte de Pessoas Queridas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 4, pp. 276-297.

_____ (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 10, pp. 137-215.

_____ (1909a). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 10, pp. 13-133.

_____ (1909b). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 10, pp. 137-215.

_____ (1910). Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 11, pp. 67-141.

_____ (1913). Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 13, pp. 13-162.

_____ (1915). Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 14, pp. 269-279.

_____ (1918[1914]). História de uma neurose infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 17, pp. 15-128.

_____ (1919). 'Uma criança é espancada': uma contribuição ao estudo das origens das perversões sexuais. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 17, pp. 193-218.

_____ (1921). Psicologia de grupo e análise do eu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 18, pp. 79-154.

_____ (1923a). O ego e o Id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 19, pp. 15-80.

_____ (1923b). A organização genital infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 19, pp. 155-161.

_____ (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 19, pp. 191-199.

_____ (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 19, pp. 277-286.

_____ (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 21, pp. 67-148.

_____ (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 21, pp. 231-251.

_____ (1939[1934-38]). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 23, pp. 15-150.

JONES, E. (1950). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed., v. 1, 1989.

KAUFMANN, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

KRISTEVA, J. (2002). *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

LACAN, J. (1938). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em Psicologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____ (1952). *O mito individual do neurótico ou poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____ (1953). O simbólico, o imaginário, o real. In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, pp. 55-87.

_____ (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, pp. 238-324.

_____ (1955). O seminário sobre "A carta roubada". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, pp. 13-66.

_____ (1957-58). O seminário, livro 5: *as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____ (1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, pp. 537-590.

_____ (1959-60). O seminário, livro 7: *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

_____ (1963). Introdução aos Nomes-do-Pai. In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, pp. 9-53.

_____ (1964). O sujeito e o outro (I): alienação. In: *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, pp. 199-210.

_____ (1966). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, pp. 807-842.

_____ (1975). Le séminaire, livre 23: *Le sinthome*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

LANG, C.E. (2002). *Um pai que não é lembrança: ensaios sobre a questão do pai em Freud*. Tese de doutoramento. São Paulo: PUCSP.

LEBRUN, J.P. (2004). *Um mundo sem limite: Ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

LÉVI-STRAUSS, C. (1949/1982). *As estruturas elementares de parentesco*. Petrópolis: Vozes.

MELMAN, C. (2008). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço; entrevistas por Jean-Pierre Lebrun*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

MILLER, J. A. (2009) *Leitura crítica de Os Complexos Familiares*. Opção Lacaniana Online. Traduzido de “Lecture critique des “complexes familiaux” de Jacques Lacan.” La Cause freudienne N° 60 (Juin 2005), pp. 33-51. Disponível em:

<<http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n2/pdf/artigos/JAMLeitura.pdf>>.

Acesso em: 06 mai. 2013.

PEREIRA, M. R. (2006). *“Deuses de prótese”*: sobre os mestres de nossos tempos. *Estilos da Clínica*, v. XI, n. 21, pp. 82-107.

PORGE, E. (1998). *Os nomes-do-pai em Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

QUINET, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

ROUDINESCO, E. (2008). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras.

SALES, L. S. (2004). *Linguagem no Discurso de Roma*: programa de leitura da psicanálise. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v.20, n.1, pp- 49-58.

_____ (2008). *Consistência do Édipo na psicanálise lacaniana*: símbolos zero para desejo. *Fractal Revista de Psicologia*, v. 20, n.1, pp. 209-220.

_____ (2010). *A falta no outro como subversão da estrutura na teoria lacaniana*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 1, pp. 197-203.

TEIXEIRA, L. C. (2002). *Função paterna, fratria e violência*: sobre a constituição do *socius* na psicanálise freudiana. *Psico-USF*, v. 7, n. 2, pp. 195-200.

ZAFIROPOULOS, M. (2009). *Nossa arqueologia crítica da obra de Lacan*: Lacan e as ciências sociais e Lacan e Lévi-Strauss, *Revista de Estudos Lacanianos*, v. 2, n.3, pp. 1-16.

ZIZEK, S (2003). *Bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Editora Boitempo.